

APOSTILA DE ESTUDOS

FILOSOFIA NO ENEM

apostila
descomplica

Cinco assuntos com teoria, exercício resolvido e questão para praticar, mais os macetes que separam quem entendeu de quem decorou nome de filósofo.

descomplica

O QUE TEM AQUI DENTRO

OS CINCO ASSUNTOS

01	Ética, poder e política contemporâneas	05
	Do totalitarismo ao poder disciplinar: Arendt, Foucault, Derrida, Rawls, Marcuse e Bobbio.	
02	Fenomenologia e existencialismo	15
	O que sobra do sujeito quando a filosofia do século XX para de tratá-lo como coisa pronta.	
03	Antiguidade e Idade Média	25
	Onde a filosofia começa: pré-socráticos, Sócrates, Platão, Aristóteles e Agostinho.	
04	Razão e conhecimento na modernidade	35
	Como a Europa dos séculos XVI e XVII decidiu que autoridade e tradição não bastavam mais como prova.	
05	Ética e política na modernidade	45
	O que passa a legitimar o poder e a decidir o que é certo, depois que Deus deixa de servir como resposta.	

PARA CONSULTAR A QUALQUER MOMENTO

	Como usar esta apostila	03
	Os cinco assuntos e como se conectam	04
	Linha do tempo	55
	Correntes e filósofos em ordem cronológica, com o assunto de onde cada um saiu.	
	Gabarito comentado	57
	Resposta e o motivo do erro das 20 questões de praticar.	

COMO USAR ESTA APOSTILA

Filosofia não entra por definição de dicionário. O que fixa é reconhecer o problema que cada filósofo resolveu, tentar a questão e ver onde o raciocínio quebrou. Esta apostila foi montada nessa ordem.

- 01 Tente antes de ler a resolução.** Cada assunto traz dois exercícios resolvidos com o enunciado completo. Cubra a resolução, tente sozinho e só depois confira.
- 02 Leia a teoria quando ela fizer falta.** As três páginas de teoria de cada assunto existem para você voltar quando um exercício travar.
- 03 Pratique sem espiar o gabarito.** As quatro questões que fecham cada assunto não trazem resposta ao lado, de propósito. O gabarito comentado fica nas últimas páginas.
- 04 Volte ao que errou depois de alguns dias.** Errar de novo na segunda tentativa é o sinal de que aquele filósofo pede outra leitura.

TODO ASSUNTO SEGUE A MESMA SEQUÊNCIA

ABERTURA E TEORIA

O que o assunto responde, o recorte que a prova prefere e a teoria em três páginas.

DICA DO PROF E RESOLVIDOS

Os macetes e duas questões reais resolvidas passo a passo, separando o que o filósofo defende do que a alternativa afirma.

DERRUBA E PRATICAR

As pegadinhas do assunto e quatro questões para você tentar sozinho.

UMA REGRA QUE VALE O MATERIAL INTEIRO

Toda ideia vem atribuída ao filósofo pelo nome, nunca a "a filosofia" genérica. Confundir quem disse o quê é o erro mais caro possível nesta matéria, pior que uma data errada, porque muda a autoria de um pensamento inteiro.

OS CINCO ASSUNTOS, E POR QUE VÊM NESTA ORDEM

Cada assunto é autocontido: teoria, Dica do Prof, resolvidos e prática de um assunto fazem sentido sozinhos, sem exigir ter lido outro antes. Quando um deles toca em outro assunto, o texto nomeia qual, sem presumir que você já passou por ele. Isso vale em especial para Foucault e Bentham, que aparecem em mais de um assunto, com obras e conceitos diferentes cada vez.

A ordem segue **peso na prova**, não pré-requisito: o assunto que mais cai no corpus de sete anos vem primeiro, o que menos cai vem por último.

- 01 · Ética, poder e política na filosofia contemporânea**, com 14 das 57 candidatas do corpus.
- 02 · Fenomenologia, existencialismo e epistemologia contemporâneas**, com 14 candidatas.
- 03 · Antiguidade e Idade Média**, com 13 candidatas.
- 04 · Razão, ciência e conhecimento na modernidade**, com 9 candidatas.
- 05 · Ética e política na modernidade**, com 7 candidatas.

SE VOCÊ SÓ TEM TEMPO PARA DOIS OU TRÊS ASSUNTOS ANTES DA PROVA

Leia do início. Os três primeiros já somam 41 das 57 candidatas do corpus, mais de dois terços do que cai, e como nenhum assunto depende do anterior, ler só parte da apostila não deixa buraco de raciocínio.

ÉTICA, PODER E POLÍTICA NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Por que a filosofia do século XX parou de perguntar como o poder deveria ser e passou a investigar como ele funciona de fato.

14 das 57 questões de Filosofia do ENEM entre 2019 e 2025 caem neste recorte, o maior bloco da matéria, empatado com o Assunto 02. Ele apareceu em seis das sete edições, e só em 2025 foram cinco questões, quase metade da prova de Filosofia daquele ano.

POR QUE CAI

Este recorte é o mais cobrado da matéria, e quase sempre pela mesma porta. A prova entrega um trecho curto de um filósofo do século XX e pergunta que conceito aquilo nomeia. Ela não pede biografia, não pede data de publicação e raramente pede comparação entre autores. O que ela cobra é reconhecer a assinatura conceitual de quem escreveu, e por isso o trabalho do aluno aqui é associar cada filósofo a uma ideia central que só ele formulou daquele jeito.

O QUE ESTUDAR PRIMEIRO

- ☐ Foucault e a diferença entre punir pelo espetáculo e disciplinar pela vigilância
- ☐ Arendt e o que separa o totalitarismo de uma tirania comum
- ☐ Marcuse e a crítica a uma sociedade que funciona bem demais
- ☐ Bobbio e a historicidade dos direitos humanos
- ☐ Rawls e Derrida, dois modos opostos de pensar o que é justo

PAINEL DE PENSADORES-CHAVE

Hannah Arendt (1906-1975)	filosofia política do pós-guerra · o totalitarismo é uma forma inédita de poder, e não uma tirania de tamanho maior
Michel Foucault (1926-1984)	pós-estruturalismo · o poder não se possui, se exerce em rede. Neste assunto entra o Foucault de "Vigiar e Punir"
Herbert Marcuse (1898-1979)	Escola de Frankfurt · a sociedade que atende às necessidades materiais desativa a crítica sem precisar proibi-la
John Rawls (1921-2002)	liberalismo político · justo é aquilo que você aceitaria sem saber que lugar vai ocupar na sociedade
Norberto Bobbio (1909-2004)	filosofia do direito · direitos humanos são conquistas históricas variáveis, e não posses naturais e eternas
Jacques Derrida (1930-2004)	desconstrução · acolher quem chega antes de exigir documento, sem dissolver a diferença de quem chegou

NA PRÁTICA

a questão de Marcuse do ENEM 2025 parece assunto de economia e se resolve com uma palavra que é o título do livro dele. Reconhecer o autor vale mais do que decorar a teoria inteira.

A pergunta que o século XX trocou

De Platão a Kant, a filosofia política trabalhou quase sempre em cima da mesma pergunta de fundo. Qual é a ordem justa, e o que autoriza alguém a mandar nos outros. As respostas variavam muito de um autor para outro, mas o formato era estável, porque todos procuravam um fundamento para o poder legítimo.

O século XX quebrou esse formato pela experiência. Duas guerras mundiais, regimes totalitários e uma sociedade de consumo em massa aconteceram em poucas décadas, e nenhum desses fenômenos se explicava por falta de fundamento. O nazismo chegou ao poder por via eleitoral, em 1933. A sociedade industrial do pós-guerra entregava emprego, salário crescente e conforto doméstico. O problema deixou de ser a ausência de ordem e passou a ser o que a ordem produzia enquanto funcionava bem.

A partir daí a pergunta vira outra. Deixa de ser como o poder deveria ser e passa a ser por onde ele entra, o que ele fabrica e por que as pessoas o aceitam.

A Escola de Frankfurt formula isso como programa antes de todo mundo. O Instituto de Pesquisa Social foi fundado em Frankfurt em 1923 e reuniu, entre outros, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Eles chamaram o próprio trabalho de **Teoria Crítica**, e o ponto de partida era um incômodo concreto. A revolução operária que a tradição marxista previa não tinha acontecido nos países mais industrializados, e era preciso entender por quê.

A resposta de Marcuse é contraintuitiva, e é ela que cai na prova. Em "O Homem Unidimensional", de 1964, publicado no Brasil como "Ideologia da Sociedade Industrial", ele sustenta que a sociedade industrial avançada neutraliza a crítica justamente por atender bem às necessidades materiais. Quem tem emprego estável, crédito e conforto encontra pouca razão prática para contestar o sistema que fornece essas coisas, e o não conformismo passa a parecer socialmente inútil, além de caro para quem o pratica.

Por que o nome unidimensional. Marcuse chama de bidimensional o pensamento capaz de enxergar ao mesmo tempo o que existe e o que poderia ser diferente, e é essa segunda dimensão que sustenta qualquer crítica. A sociedade unidimensional é aquela em que a segunda dimensão foi absorvida, restando só o que já está dado. A oposição ali não precisa ser proibida, porque ela é integrada, vendida de volta e transformada em mais um produto do catálogo.

Não confunda os autores de Frankfurt entre si. O conceito de **indústria cultural** é de Adorno e Horkheimer, formulado na "Dialética do Esclarecimento", de 1947. Marcuse trabalha no mesmo instituto e na mesma direção crítica, mas a assinatura dele é a unidimensionalidade. Trocar um pelo outro é o tipo de erro que a prova pune com alternativa pronta.

GUARDE ISTO

a filosofia política do século XX estuda sobretudo o poder que dá certo. Quando o enunciado descrever uma situação confortável, organizada ou administrativa, a crítica do autor provavelmente está apontada para esse conforto, e não para uma violência explícita que o texto nem menciona.

Arendt e Foucault, ou o poder que administra a vida

Hannah Arendt escreve sobre o totalitarismo de dentro da experiência dele. Judia alemã, ela fugiu do país em 1933, perdeu a cidadania em 1937 e só voltou a ter nacionalidade em 1951, ano em que publicou "Origens do Totalitarismo". Foi dessa condição de apátrida que ela tirou o **direito a ter direitos**, a percepção de que direitos ditos naturais dependem de pertencer a uma comunidade política que os garanta.

A tese central é que o totalitarismo é coisa nova, e não uma tirania de porte maior. A tirania clássica quer obediência, e para consegui-la basta reprimir quem desobedece. O regime totalitário quer redesenhar o que conta como ser humano, e para isso precisa de um espaço onde tudo seja possível. O campo de concentração é esse espaço.

O trecho cobrado em 2019 descreve o mecanismo exato. Arendt observa que o campo opera numa aparente ausência de propósito, e é isso que o torna ilegível de fora. Prisão tem crime, sentença e prazo. O campo não tem nada disso, e a irrealidade que resulta daí é o que permite tratar o extermínio como solução normal.

Cuidado com a palavra biopolítica. Ela aparece na alternativa correta da questão de 2019 e descreve bem o que Arendt analisa, mas **não pertence ao vocabulário dela**. O termo foi cunhado por Michel Foucault em 1976, na "História da Sexualidade", vinte e cinco anos depois de "Origens do Totalitarismo". Escrever "para Arendt, a biopolítica..." atribui a ela uma palavra que ela nunca usou.

Michel Foucault desloca a pergunta mais uma vez. Onde a tradição via o poder como objeto depositado no Estado, o filósofo francês vê uma relação que circula, se exerce em muitos pontos ao mesmo tempo e produz efeitos, inclusive efeitos de aparência positiva, como saber e norma. Ele chamou esse recorte de **microfísica do poder**.

"Vigiar e Punir", de 1975, aplica isso à punição. O livro abre com o suplício público de um condenado em 1757 e mostra o espetáculo sumindo da Europa em menos de um século, substituído pela prisão com horário, cela e registro. O que muda aí é o alvo. O suplício marca o corpo diante de uma plateia, enquanto a disciplina o treina longe dela.

Os dois modelos que a questão de 2022 compara. No mesmo livro, Foucault contrapõe duas respostas históricas à doença.

- ☐ **A lepra produz exclusão.** O doente é expulso para fora dos muros, e ninguém precisa distinguir um do outro dentro da massa dos excluídos
- ☐ **A peste produz disciplina.** A cidade é fechada e repartida, cada rua ganha um vigia, cada morador é registrado, e todo dia alguém confere quem adoeceu. O objetivo passa a ser conhecer cada indivíduo separadamente

A sociedade disciplinar nasce do segundo modelo. Em vez de expulsar, ela distribui, mede e corrige, e faz isso em instituições parecidas entre si, como a escola, o quartel, o hospital e a fábrica. O **panóptico**, torre central de onde um vigia enxerga todas as celas sem ser visto, é o desenho dessa lógica, e vem de um projeto de prisão de **Jeremy Bentham**, que reaparece no Assunto 05 pelo utilitarismo.

Este é o Foucault do poder, e existe outro no Assunto 02. O mesmo filósofo aparece adiante tratando da formação do sujeito, com outro texto e outro conceito. São duas frentes da obra dele que a prova cobra separadamente.

GUARDE ISTO

Arendt investiga o poder que torna o humano descartável. Foucault investiga o poder que dispensa a força porque já organizou o espaço, o horário e o olhar.

Justiça, direitos e o outro que chega

John Rawls reabre uma pergunta que parecia encerrada. Filósofo norte-americano, ele publica "Uma Teoria da Justiça" em 1971 e retoma a tradição do contrato social, que vinha de Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, reformulando-a para o século XX.

O procedimento se chama posição original, e o instrumento é o véu da ignorância. Rawls propõe que se imagine um grupo encarregado de escolher as regras básicas de uma sociedade, sem que ninguém saiba qual lugar vai ocupar nela depois, se nascerá rico ou pobre, com saúde ou sem ela, com qual talento. Ninguém tem então interesse em desenhar regra que favoreça uma posição específica, e o que for escolhido nessas condições é justo. Justiça, nessa leitura, é equidade.

Rawls é contemporâneo e retoma uma tradição moderna, e a prova explora exatamente isso. A questão de 2020 apresenta a ideia dele e pede a corrente correspondente, e a alternativa correta fala em contratualismo **moderno**. Isso não é falha do enunciado. A pergunta é sobre a tradição que a ideia mobiliza, e não sobre o século em que nasceu quem a formulou.

Norberto Bobbio ataca a questão pelo lado do direito. Jurista e filósofo político italiano, ele publica "A Era dos Direitos" em 1990, e a tese cobrada em 2025 está logo na abertura. Direitos humanos formam uma classe variável, porque a lista deles já mudou e continua mudando conforme mudam as necessidades, os interesses, quem ocupa o poder e os meios técnicos disponíveis.

Isso contraria a leitura jusnaturalista, segundo a qual os direitos existiriam por natureza, imutáveis, à espera de reconhecimento. Para Bobbio eles são conquistas históricas que uma sociedade pactua, e a prova disso está nas próprias declarações. A de 1789 não mencionava direito à educação nem ao trabalho, hoje presentes em quase toda constituição.

A classificação escolar em gerações ajuda a visualizar isso, com uma ressalva de crédito. Ela costuma ser atribuída ao jurista Karel Vasak, em 1979, e não a Bobbio.

GERAÇÃO	O QUE REIVINDICA	MOMENTO TÍPICO
Primeira	liberdades individuais e políticas, contra o Estado	fim do século XVIII
Segunda	direitos sociais e econômicos, exigindo ação do Estado	do fim do século XIX ao pós-guerra
Terceira	direitos coletivos, como ambiente e autodeterminação	segunda metade do século XX

Jacques Derrida trabalha na fronteira entre a lei e o que a lei não alcança. Criador da desconstrução, o filósofo francês separa **direito** de **justiça**. Direito é o que está codificado e se aplica por regra. Justiça é o que excede esse cálculo, e por isso uma decisão justa nunca se resume à aplicação correta de um artigo.

A hospitalidade segue a mesma estrutura, e é o que caiu em 2019. Derrida distingue a hospitalidade condicional, que acolhe mediante documento, visto e prazo, da hospitalidade pura, que acolhe antes de qualquer exigência. A segunda é impossível de institucionalizar, e ainda assim é o critério pelo qual a primeira é julgada.

Acolher o outro não significa dissolver o outro. Derrida insiste que se pergunte o nome de quem chega, desde que a pergunta seja gesto de reconhecimento e não interrogatório. Exigir que o recém-chegado deixe de ser quem é para caber na casa é assimilação, e ela apaga justamente aquilo que a hospitalidade deveria receber.

GUARDE ISTO

Rawls procura a regra que qualquer um aceitaria antes de saber quem é. Derrida procura o que sobra depois que a regra foi aplicada. Bobbio lembra que a regra tem data e muda.

Como não trocar um filósofo pelo outro na hora da prova

01 A assinatura do autor

Quase todo filósofo deste assunto tem uma palavra que é dele e de mais ninguém, e o ENEM costuma colocar essa palavra dentro da alternativa certa. Marcuse assina **unidimensional**. Foucault assina **disciplinar**. Derrida assina **alteridade** e **hospitalidade**. Rawls assina **equidade** e **contratualismo**. Bobbio assina **variável**. Em quatro das seis questões deste assunto a alternativa correta repete literalmente a assinatura do autor. Antes de raciocinar longo, procure a palavra. ⚠️ E saiba onde o macete falha. Na questão de Arendt de 2019, a alternativa certa traz "biopolíticos", que é palavra de Foucault. Quando a assinatura não estiver lá, volte para o conteúdo do trecho.

02 Frankfurt fala de cabeça, Foucault fala de corpo

Os dois criticam a sociedade moderna e é fácil embaralhar um com o outro. Repare no objeto. Se o texto trata de consumo, mídia, propaganda, conformismo ou satisfação de necessidades, o terreno é a Escola de Frankfurt, com Marcuse, Adorno ou Horkheimer. Se trata de prisão, escola, hospital, quartel, vigilância, exame ou registro, o terreno é Foucault. Um investiga o que a sociedade faz com a consciência, o outro investiga o que ela faz com o corpo e com o espaço.

03 Autor contemporâneo, ideia antiga

Alternativa que diz "moderno" pode ser a correta mesmo quando o autor do texto é do século XX. Rawls é contemporâneo e a resposta certa da questão dele fala em contratualismo moderno, porque o comando pergunta pela tradição que a ideia retoma. Antes de eliminar alternativa pela data, verifique se o comando pergunta sobre o autor ou sobre a ideia.

04 Poder que funciona incomoda mais

O erro mais comum aqui é procurar violência explícita no texto e marcar a alternativa que fala em repressão. Neste recorte, o alvo da crítica costuma ser o poder que dá certo, aquele que dispensa a força porque já organizou o horário, o espaço e o desejo. Alternativa com "proibição", "censura" ou "punição" costuma ser distrator quando o trecho descreve administração ou conforto.

Procure a assinatura. Unidimensional é Marcuse. Disciplinar é Foucault. Alteridade é Derrida. Equidade é Rawls. Variável é Bobbio.

ENEM 2019

Essa atmosfera de loucura e irrealidade, criada pela aparente ausência de propósitos, é a verdadeira cortina de ferro que esconde dos olhos do mundo todas as formas de campos de concentração. Vistos de fora, os campos e o que neles acontece só podem ser descritos com imagens extraterrenas, como se a vida fosse neles separada das finalidades deste mundo. Mais que o arame farpado, é a irrealidade dos detentos que ele confina que provoca uma crueldade tão incrível que termina levando à aceitação do extermínio como solução perfeitamente normal.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989 (adaptado).

A partir da análise da autora, no encontro das temporalidades históricas, evidencia-se uma crítica à naturalização do(a)

- (A) ideário nacional, que legitima as desigualdades sociais.
- (B) alienação ideológica, que justifica as ações individuais.
- (C) cosmologia religiosa, que sustenta as tradições hierárquicas.
- (D) segregação humana, que fundamenta os projetos biopolíticos.
- (E) enquadramento cultural, que favorece os comportamentos punitivos.

Como resolver

- 01 Identifique a autora e a obra antes de olhar as alternativas.** Hannah Arendt, "Origens do Totalitarismo", 1951. O objeto do livro é o regime totalitário do século XX, o que já enfraquece qualquer alternativa que dependa de religião ou de tradição hierárquica.
- 02 Ache a afirmação estranha do texto e leve a sério.** Arendt escreve que o campo opera numa "aparente ausência de propósitos". Isso parece detalhe de estilo e é a chave da questão. Ela está dizendo que o campo não pune, porque punição pressupõe crime, sentença e finalidade declarada.
- 03 Veja o que a ausência de propósito produz.** Sem finalidade legível, a vida dentro do campo aparece de fora como irreal, "separada das finalidades deste mundo". É essa irrealidade, mais do que o arame farpado, que faz o extermínio ser aceito como coisa normal. O texto afirma isso com todas as letras.
- 04 Traduza para o vocabulário das alternativas.** Separar um grupo humano do resto e administrar a vida e a morte dele como projeto político é o que a alternativa D chama de segregação humana que fundamenta projetos biopolíticos.
- 05 Elimine, e repare na armadilha.** A alternativa E é a mais atraente das erradas, porque campo lembra prisão e prisão lembra punição. O próprio texto a derruba, já que Arendt insiste na ausência de propósito, e punir é um propósito. As alternativas A, B e C introduzem ideário nacional, alienação ideológica e cosmologia religiosa, e nenhuma dessas expressões encontra apoio no trecho.

D

Resposta correta · A crítica de Arendt recai sobre a naturalização da segregação de seres humanos, tratada como projeto político de administração da vida.

VALE SABER

a palavra "biopolítica" da alternativa correta é de Michel Foucault, que a formulou em 1976. Ela descreve bem o fenômeno que Arendt analisa em 1951, e não faz parte do vocabulário dela. Para responder, basta reconhecer o que a alternativa descreve, sem precisar atribuir o termo à autora.

ENEM 2019

A hospitalidade pura consiste em acolher aquele que chega antes de lhe impor condições, antes de saber e indagar o que quer que seja, ainda que seja um nome ou um "documento" de identidade. Mas ela também supõe que se dirija a ele, de maneira singular, chamando-o portanto e reconhecendo-lhe um nome próprio: "Como você se chama?" A hospitalidade consiste em fazer tudo para se dirigir ao outro, em lhe conceder, até mesmo perguntar seu nome, evitando que essa pergunta se torne uma "condição", um inquérito policial, um fichamento ou um simples controle das fronteiras. Uma arte e uma poética, mas também toda uma política dependem disso, toda uma ética se decide aí.

DERRIDA, J. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004 (adaptado).

Associado ao contexto migratório contemporâneo, o conceito de hospitalidade proposto pelo autor impõe a necessidade de

- (A) anulação da diferença.
- (B) cristalização da biografia.
- (C) incorporação da alteridade.
- (D) supressão da comunicação.
- (E) verificação da proveniência.

Como resolver

- 01** Note que o texto usa a mesma pergunta duas vezes, com sinais opostos. Perguntar o nome pode ser reconhecimento de alguém singular, e pode ser inquérito policial. Derrida aceita a primeira e recusa a segunda, então o que decide a questão é a finalidade da pergunta.
- 02** Liste o que o autor recusa nominalmente. O trecho nomeia "condição", "inquérito policial", "fichamento" e "controle das fronteiras". A alternativa E, verificação da proveniência, é a tradução literal do que ele acabou de descartar, então cai de imediato.
- 03** Derrube as duas que contradizem o texto. A alternativa D fala em supressão da comunicação, e o texto faz o contrário ao insistir em se dirigir ao outro e chamá-lo pelo nome. A alternativa B fala em cristalizar a biografia, e nada no trecho trata de fixar a história de vida de quem chega.
- 04** Decida entre A e C, que é onde a questão realmente se joga. As duas parecem falar de diferença. A alternativa A propõe anular a diferença, ou seja, receber o outro na condição de que ele deixe de ser diferente. Isso é assimilação, e é o oposto do que Derrida sustenta, porque ele quer que a singularidade do recém-chegado seja preservada, tanto que faz questão de reconhecer um nome próprio.
- 05** Confirme pela última frase. Derrida diz que ali se decide "toda uma ética", e a ética em jogo é a de receber o outro **como outro**. Incorporar a alteridade é exatamente isso, acolher sem exigir que a diferença desapareça.

C

Resposta correta · A hospitalidade pura acolhe o recém-chegado preservando aquilo que o torna outro, e não mediante prova de origem ou renúncia à própria identidade.

VALE SABER

a mesma estrutura aparece em "Força de Lei", de 1994, onde Derrida separa direito de justiça. O direito é calculável e aplicável por regra, enquanto a justiça excede o cálculo. Hospitalidade condicional está para o direito assim como hospitalidade pura está para a justiça.

Os quatro erros que decidem estas questões

Atribuir biopolítica a Arendt

É o erro mais caro deste assunto, porque troca o dono de um conceito. A alternativa correta da questão de 2019 usa "biopolíticos" para descrever o que Arendt analisa, e o termo é de Michel Foucault, formulado vinte e cinco anos depois. Arendt trabalha com totalitarismo, terror e supérfluo humano. Marque a alternativa pelo que ela descreve, e nunca escreva nem pense "para Arendt, a biopolítica".

Confundir acolhimento com assimilação

Na questão de Derrida, a alternativa que fala em anular a diferença parece generosa e é o contrário do texto. Acolher o outro em Derrida significa recebê-lo mantendo aquilo que o distingue, tanto que ele defende perguntar o nome como gesto de reconhecimento. Sempre que uma alternativa propuser que o recém-chegado se dissolva no grupo que o recebe, desconfie.

Eliminar alternativa pela data do autor

Rawls é do século XX e a resposta certa da questão dele fala em contratualismo moderno. Quem elimina a alternativa só porque o autor é contemporâneo perde a questão. Leia o comando com atenção, porque ele costuma perguntar de que tradição a ideia se aproxima, e não em que época o autor viveu.

Achar que poder em Foucault é o Estado

O aluno lê "poder disciplinar" e imagina governo, polícia e repressão oficial. Foucault argumenta o oposto, que esse poder se exerce de forma difusa em instituições comuns, como escola, hospital, quartel e fábrica, e produz comportamento em vez de apenas proibir. Quando uma alternativa reduzir o poder a aparelho estatal ou a hierarquia burocrática, ela quase sempre é o distrator.

Agora é com você**01 ENEM 2025**

Os direitos do homem constituem uma classe variável, como a história destes últimos séculos demonstra suficientemente. O elenco dos direitos do homem se modificou, e continua a se modificar, com a mudança das condições históricas, ou seja, dos carecimentos e dos interesses, das classes no poder, dos meios disponíveis para a realização dos mesmos, das transformações técnicas. Direitos que foram declarados absolutos no final do século XVIII foram submetidos a radicais limitações nas declarações contemporâneas; direitos que as declarações do século XVIII nem sequer mencionavam, como os direitos sociais, são agora proclamados com grande ostentação nas recentes declarações.

BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Os argumentos apresentados no texto sustentam que os direitos humanos são variáveis porque os considera como

- (A) fenômenos espontâneos.
- (B) conquistas atemporais.
- (C) convenções coletivas.
- (D) resquícios religiosos.
- (E) imposições políticas.

02 ENEM 2025

Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada. Nas condições de um padrão de vida crescente, o não conformismo com o próprio sistema parece socialmente inútil, principalmente quando acarreta desvantagens econômicas e políticas tangíveis e ameaça o funcionamento suave do todo.

MARCUSE, H. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

Qual é a característica da sociedade industrial do século XX apresentada no texto?

- (A) Gestão integrada.
- (B) Relativismo moral.
- (C) Desobediência civil.
- (D) Realidade unidimensional.
- (E) Desenvolvimento tecnológico.

Gabarito comentado na página 57

Agora é com você**03 ENEM 2020**

A sociedade como um sistema justo de cooperação social consiste em uma das ideias familiares fundamentais, que dá estrutura e organização à justiça como equidade. A cooperação social guia-se por regras e procedimentos publicamente reconhecidos e aceitos por aqueles que cooperam como sendo apropriados para regular a sua conduta. Diz-se que a cooperação é justa porque seus termos são tais que todos os participantes podem razoavelmente aceitar, desde que todos os demais também o aceitem.

FERES JR., J.; POGREBINSCHI, T. *Teoria política contemporânea: uma introdução*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

No contexto do pensamento político, a ideia apresentada mostra-se consoante o(a)

- (A) ideal republicano de governo.
- (B) corrente tripartite dos poderes.
- (C) posicionamento crítico do socialismo.
- (D) legitimidade do absolutismo monárquico.
- (E) entendimento do contratualismo moderno.

04 ENEM 2022

O leproso é visto dentro de uma prática da rejeição, do exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro como numa massa que não tem muita importância diferenciá-la; os pestilentos são considerados num policiamento tático metódico onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide. O grande fechamento por um lado; o bom treinamento por outro. A lepra e sua divisão; a peste e seus recortes. Uma é marcada; a outra, analisada e repartida. O exílio do leproso e a prisão da peste não trazem consigo o mesmo sonho político.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Os modelos autoritários descritos no texto apontam para um sistema de controle que se baseia no(a)

- (A) Formação de sociedade disciplinar.
- (B) Flexibilização do regramento social.
- (C) Banimento da autoridade repressora.
- (D) Condenação da degradação humana.
- (E) Hierarquização da burocracia estatal.

Gabarito comentado na página 57

FENOMENOLOGIA, EXISTENCIALISMO E EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEAS

O que sobra do "eu" depois que a filosofia do século XX para de tratá-lo como uma coisa pronta.

14 das 57 questões de Filosofia do ENEM entre 2019 e 2025 caem neste recorte, empatado com o Assunto 01 como o maior bloco da matéria. Ele apareceu em seis das sete edições, e só em 2024 foram cinco questões, mais da metade da prova de Filosofia daquele ano.

POR QUE CAI

Este é o recorte em que a prova mais gosta de usar texto que não parece filosofia. Um conto de Gabriel García Márquez, uma fábula sobre um peru de fazenda, uma lembrança de sentir raiva. O enunciado entrega a cena e pede o conceito que ela ilustra, então o trabalho é reconhecer a família de pensamento por trás de uma situação concreta, sem que nenhum termo técnico apareça no texto de apoio.

O QUE ESTUDAR PRIMEIRO

- ☐ Sartre e o par facticidade e transcendência, que é o que a prova mais cobra aqui
- ☐ A diferença entre fenomenologia e existencialismo, que a prova trata como coisas próximas
- ☐ Nietzsche e a crítica à promessa de uma vida melhor depois desta
- ☐ Foucault e a ideia de que o sujeito é constituído, e não encontrado
- ☐ O problema da indução, de Russell, e o giro social da epistemologia com Fricker

PAINEL DE PENSADORES-CHAVE

Friedrich Nietzsche (1844-1900)	crítica à metafísica · amar a vida como ela é, sem descontá-la numa promessa de outra
Bertrand Russell (1872-1970)	filosofia analítica · nenhuma quantidade de observação passada garante a próxima manhã
Jean-Paul Sartre (1905-1980)	existencialismo · a existência precede a essência, e por isso não há desculpa
Maurice Merleau-Ponty (1908-1961)	fenomenologia · pensar é coisa de um corpo situado, e não de um espírito sem endereço
Michel Foucault (1926-1984)	pós-estruturalismo · o sujeito se constitui por práticas. Neste assunto entra o Foucault de "Ditos e escritos"
Miranda Fricker (contemporânea)	epistemologia social · preconceito tira credibilidade, e isso é dano ao conhecimento

NA PRÁTICA

a questão do peru de fazenda do ENEM 2024 não cita um filósofo sequer no corpo do texto e cobra o conceito central da epistemologia moderna. Aprender a farejar a família de pensamento vale mais aqui do que em qualquer outro assunto.

Nietzsche e Foucault, ou a desconfiança contra o sujeito pronto

Friedrich Nietzsche é o ponto em que a filosofia deixa de procurar fundamento e começa a procurar origem. Em vez de perguntar se um valor é verdadeiro, ele pergunta de onde ele veio, quem lucrou com ele e que tipo de vida ele favorece. Chamou esse método de **genealogia**, e o aplicou à moral em "Genealogia da Moral", de 1887.

A frase mais conhecida dele costuma ser mal lida. Quando escreve que Deus está morto, em "A Gaia Ciência", de 1882, Nietzsche não comemora nem anuncia uma descoberta científica. Ele diagnostica que a cultura europeia perdeu o fundamento que sustentava seus valores e segue vivendo como se nada tivesse acontecido. O problema que o interessa é o que fazer com os valores que ficaram sem chão.

A crítica ao cristianismo tem alvo preciso. Para Nietzsche, a tradição que vem de Platão e chega ao cristianismo desvaloriza esta vida ao colocar o sentido dela em outro lugar, num mundo verdadeiro que estaria depois ou acima do mundo em que se vive. Quem aceita isso passa a existência tolerando o presente em nome de uma compensação futura.

O amor fati é a resposta a essa recusa, e é o que caiu em 2021. A fórmula significa amar o destino, e Nietzsche a define de forma exigente. Não basta suportar o que é inevitável, nem fingir que ele não existe. É preciso querer a própria vida exatamente como ela foi, sem desejar nada além dela, nem para trás nem para frente.

Michel Foucault leva a genealogia adiante e a vira contra o próprio sujeito. Ele se declarou nietzschiano e usou o mesmo método para perguntar como se formou aquilo que chamamos de "eu". A resposta, no texto cobrado em 2019, é que não existe um sujeito soberano e universal esperando ser encontrado em qualquer lugar. O sujeito se constitui em práticas, dentro de regras e estilos que já estão no meio cultural.

Constituído não significa inexistente. Foucault afirma que o sujeito se forma historicamente, e não que ele seja ilusão ou que não haja ninguém ali. A diferença importa na prova, porque a alternativa que nega a existência do sujeito costuma ser distrator.

Este é o Foucault do sujeito, e existe outro no Assunto 01. Lá ele aparece com "Vigiar e Punir", tratando de poder disciplinar. Aqui aparece com "Ditos e escritos", tratando de subjetivação. São duas frentes da obra dele que a prova cobra separadamente.

GUARDE ISTO

Nietzsche e Foucault trabalham com a mesma suspeita. Aquilo que se apresenta como natural, eterno ou universal costuma ter data de nascimento e história, e encontrar essa história é o trabalho da genealogia.

Sartre e Merleau-Ponty, ou partir da existência vivida

Fenomenologia é um método, e existencialismo é uma tese. Confundir os dois é o erro mais comum deste assunto, e a diferença cabe em uma linha. A fenomenologia, fundada por Edmund Husserl no início do século XX, propõe descrever a experiência como ela se apresenta à consciência, suspendendo teorias prévias sobre o que as coisas realmente são. O existencialismo afirma algo sobre o ser humano, que ele existe primeiro e só depois define o que é.

Os dois convivem no mesmo autor com frequência. O subtítulo de "O Ser e o Nada", de Sartre, é justamente "ensaio de ontologia fenomenológica", ou seja, ele usa o método para chegar à tese.

Jean-Paul Sartre resume a tese numa fórmula. A existência precede a essência. Um objeto fabricado tem essência antes de existir, porque alguém o projetou com uma finalidade. O ser humano aparece no mundo sem projeto prévio e só depois se define pelo que faz. Daí a consequência que Sartre chamou de estar condenado à liberdade, já que não há natureza humana a cumprir nem desculpa a apresentar.

O par que a prova cobra é facticidade e transcendência. Facticidade é tudo que já está dado e ninguém escolheu, como o corpo, o nascimento, o passado, o lugar, a época. Transcendência é a capacidade de ultrapassar esse dado, atribuindo sentido a ele e agindo a partir dele. Sartre insiste que a situação é feita das duas coisas ao mesmo tempo, e que a liberdade só existe porque há facticidade a superar.

Transcendência em Sartre não tem sentido religioso. Ela nomeia o movimento pelo qual o sujeito ultrapassa a situação em que está. Nada a ver com o transcendente da tradição cristã que Nietzsche critica na página anterior deste assunto. A palavra é a mesma e o significado é oposto, e a prova usa as duas acepções.

Maurice Merleau-Ponty parte do corpo. Colega e depois adversário de Sartre, ele publica "Fenomenologia da Percepção" em 1945 e sustenta que a experiência não começa num espírito que depois se liga a um corpo. Ela começa num corpo que já é ponto de vista sobre o mundo. Perceber é coisa de alguém situado, com altura, cansaço e posição.

Daí a recusa ao dualismo cartesiano, que caiu em 2023. No trecho cobrado, ele examina a raiva e reconhece que poderia concluir, com Descartes, que ela é um pensamento e portanto coisa do espírito. Ao consultar a própria experiência, encontra a raiva no corpo. É a descrição fenomenológica derrubando a separação entre uma coisa que pensa e uma coisa extensa.

GUARDE ISTO

Sartre parte da liberdade e Merleau-Ponty parte do corpo, mas os dois recusam começar por uma essência definida de fora. A experiência vivida vem antes de qualquer definição do que o ser humano é.

Como se conhece, e quem tem permissão para conhecer

O problema da indução é a pergunta que abre esta página. Raciocínio indutivo vai de casos particulares observados para uma lei geral. O Sol nasceu em todas as manhãs registradas, logo o Sol nasce todas as manhãs. Esse é o movimento que sustenta boa parte da ciência experimental, e ele tem um defeito conhecido. Nenhuma quantidade de observações passadas garante a observação seguinte.

Quem formulou o problema foi **David Hume**, no século XVIII, e ele reaparece no Assunto 04 desta apostila pelo empirismo. **Bertrand Russell** o reapresenta no século XX com um exemplo que ficou famoso, o do animal de criação alimentado no mesmo horário todos os dias até a véspera do abate.

A fábula do peru é o exercício resolvido 1, e o detalhe que a torna forte é o cuidado do animal. Ele não conclui de imediato. Acumula observações, varia as circunstâncias, testa em dias quentes e frios, secos e chuvosos, e só então generaliza. A indução dele é bem feita segundo o próprio manual da indução, e mesmo assim a conclusão está errada. O ponto do exemplo é que o defeito está no método, e não na pressa de quem o usou.

Karl Popper propôs a saída mais influente. Para ele, teoria científica não se prova por acúmulo de confirmações, porque isso seria voltar ao problema da indução. Ela se sustenta enquanto resiste a tentativas sérias de refutação, e uma afirmação só é científica se for possível dizer que observação a derrubaria. É o **falsificacionismo**, apresentado em "A Lógica da Descoberta Científica".

A epistemologia também mudou de objeto no século XX. Deixou de perguntar apenas o que justifica uma crença e passou a perguntar quem é ouvido quando afirma saber alguma coisa. Essa virada social é o terreno de **Miranda Fricker**, filósofa britânica contemporânea, em "Injustiça Epistêmica", de 2007.

A injustiça epistêmica tem duas formas, e a prova cobrou a primeira em 2024. A injustiça testemunhal acontece quando o preconceito do ouvinte reduz a credibilidade atribuída a quem fala, por causa do grupo a que a pessoa pertence. A injustiça hermenêutica acontece quando falta à sociedade o próprio vocabulário para nomear uma experiência, o que deixa quem a vive sem como explicá-la.

GUARDE ISTO

conhecer depende de dois testes. Um é lógico, e pergunta se o raciocínio sustenta a conclusão. O outro é social, e pergunta se quem fala recebe a credibilidade que a fala merece.

Como achar a família certa quando o texto não cita ninguém

01 A palavra do enunciado entrega a família

Os textos deste assunto raramente nomeiam a corrente, mas quase sempre entregam uma palavra que aponta para ela. Guarde a tabela e faça a triagem antes de ler as alternativas. - **essência, liberdade, escolha, angústia, situação** conduzem a Sartre e ao existencialismo - **corpo, percepção, sentir, experiência vivida** conduzem a Merleau-Ponty e à fenomenologia - **sujeito, prática, constituição, norma** conduzem a Foucault - **moral, vida, além, promessa** conduzem a Nietzsche - **observação, previsão, testemunho, credibilidade** conduzem à epistemologia

02 Fenomenologia é método, existencialismo é tese

A prova aproxima os dois e cobra a diferença. Fenomenologia descreve como a experiência aparece para quem a vive. Existencialismo afirma o que o ser humano é, ou melhor, que ele não é nada antes de agir. Um autor pode usar o método sem assinar a tese, e Sartre faz as duas coisas no mesmo livro. Se a alternativa fala em descrever experiência, pense em fenomenologia. Se fala em liberdade e ausência de natureza dada, pense em existencialismo.

03 Desconfie da alternativa que promete essência

Quase todo autor deste assunto recusa a ideia de uma natureza humana fixa. Quando aparecer alternativa com "essencial", "universal", "substancial" ou "natureza humana", trate como suspeita imediata. Na questão de Foucault de 2019, a alternativa com "parâmetros substancialistas" está lá exatamente para pegar quem não percebeu que o texto passa o parágrafo inteiro negando isso.

04 Particular para geral é indução, geral para particular é dedução

Se o texto acumula casos observados e termina numa lei, é indução, e ela pode falhar mesmo bem feita. Se parte de premissas gerais e chega a uma conclusão que não poderia ser diferente, é dedução. Repare que a questão do peru descreve um animal metódico, e não apressado, então alternativa que acusa pressa ou teimosia está descrevendo outra coisa.

Liberdade é Sartre. Corpo é Merleau-Ponty. Prática é Foucault. Vida é Nietzsche. Observação é epistemologia.

Bertrand Russell conta a história de um peru que descobrira, em sua primeira manhã na fazenda de perus, que fora alimentado às 9 da manhã. Contudo, ele não tirou conclusões apressadas. Esperou até recolher um grande número de observações do fato de que era alimentado às 9 da manhã e fez essas observações sob uma ampla variedade de circunstâncias, às quartas e quintas-feiras, em dias quentes e dias frios, em dias chuvosos e dias secos. A cada dia acrescentava uma outra proposição de observação à sua lista. Finalmente, sua consciência ficou satisfeita e ele concluiu. "Eu sou alimentado sempre às 9 da manhã".

CHALMERS, A. *O que é ciência, afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

Qual tipo de raciocínio corresponde ao padrão de pensamento exibido pelo personagem do texto?

- (A) Prático, porque recolhe evidências e recomenda ações.
- (B) Absoluto, porque busca confirmações e bloqueia refutações.
- (C) Indutivo, porque observa eventos particulares e infere leis universais.
- (D) Demonstrativo, porque encadeia premissas e extrai conclusões indubitáveis.
- (E) Analógico, porque compara diferentes situações e detecta elementos semelhantes.

Como resolver

- 01 Descreva o movimento do raciocínio antes de olhar os nomes.** O peru observa manhãs específicas, uma por uma, e no fim afirma uma regra sobre todas as manhãs. Ele vai de casos particulares para uma lei geral.
- 02 Procure a alternativa que descreve esse movimento.** A alternativa C diz exatamente isso, ao falar em observar eventos particulares e inferir leis universais. É a definição de livro do raciocínio indutivo.
- 03 Elimine a que descreve o movimento contrário.** A alternativa D fala em encadear premissas e extrair conclusões indubitáveis, que é dedução. Na dedução a conclusão já está contida nas premissas e não pode ser falsa se elas forem verdadeiras. O peru não tinha premissa nenhuma no começo, ele tinha manhãs.
- 04 Repare por que a alternativa B é a mais tentadora.** Ela acusa o peru de buscar confirmações e bloquear refutações, o que soa certo porque a conclusão dele deu errado. Mas o texto faz questão de dizer o oposto, que ele não tirou conclusões apressadas e variou as circunstâncias de propósito. O peru testou bem, e ainda assim falhou.
- 05 Descarte as duas restantes pelo que o texto não faz.** A alternativa A fala em recomendar ações, e o peru não recomenda nada a ninguém. A alternativa E fala em comparar situações diferentes por semelhança, que é analogia, e aqui há repetição do mesmo evento, e não comparação entre eventos distintos.

C

Resposta correta · O peru parte de observações particulares acumuladas e conclui uma lei geral, que é a estrutura do raciocínio indutivo.

VALE SABER

o cuidado metódico do peru é o coração do exemplo. Ele mostra que o limite da indução não vem de descuido de quem observa, e sim da própria forma do raciocínio. A resposta mais influente a esse problema é o falsificacionismo de Karl Popper, para quem uma teoria se sustenta enquanto resiste a tentativas de refutação. Curiosidade de atribuição, a formulação original de Bertrand Russell, em "Os Problemas da Filosofia", de 1912, é com uma galinha. O peru é a versão de Alan Chalmers, que o ENEM citou como fonte.

ENEM 2021

Minha fórmula para o que há de grande no indivíduo é *amor fati*: nada desejar além daquilo que é, nem diante de si, nem atrás de si, nem nos séculos dos séculos. Não se contentar em suportar o inelutável, e ainda menos dissimulá-lo, mas amá-lo.

NIETZSCHE apud FERRY, L. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Essa fórmula indicada por Nietzsche consiste em uma crítica à tradição cristã que

- ☐ A combate as práticas sociais de cunho afetivo.
- ☐ B impede o avanço científico no contexto moderno.
- ☐ C associa os cultos pagãos à sacralização da natureza.
- ☐ D condena os modelos filosóficos da Antiguidade Clássica.
- ☐ E consagra a realização humana ao campo transcendental.

Como resolver

- 01 Traduza a fórmula.** *Amor fati* significa amor ao destino. Nietzsche define a grandeza como querer a vida exatamente como ela é, sem desejar nada fora dela.
- 02 Preste atenção nas três direções que ele recusa.** Nada desejar "diante de si" descarta o futuro, "atrás de si" descarta o passado, e "nos séculos dos séculos" descarta a eternidade. A terceira expressão é fórmula litúrgica cristã, e é ela que amarra o trecho ao alvo da crítica.
- 03 Identifique o que na tradição cristã é atingido por isso.** Se o valor da vida não pode estar fora dela, então está sob ataque toda doutrina que coloca a realização humana em um além, seja vida eterna, juízo final ou salvação. É o que a alternativa E chama de consagrar a realização humana ao campo transcendental.
- 04 Note a inversão que o comando pede.** O enunciado pergunta o que a fórmula critica, ou seja, a alternativa correta descreve a posição cristã, e não a de Nietzsche. Quem lê rápido procura a alternativa que soa nietzschiana e erra.
- 05 Elimine pelas palavras que não aparecem.** As alternativas B, C e D introduzem avanço científico, cultos pagãos e Antiguidade Clássica, e nenhum desses temas está no trecho. A alternativa A fala em combater práticas afetivas, o que inverte o texto, já que Nietzsche propõe amar, e não deixar de amar.

E

Resposta correta · Ao recusar qualquer desejo para além desta vida, Nietzsche ataca a tradição que coloca a realização humana num campo transcendente.

VALE SABER

essa crítica é parte de um argumento maior. Para Nietzsche, a linhagem que vai de Platão ao cristianismo desvaloriza o mundo vivido ao supor um mundo verdadeiro atrás dele. Guarde a distinção de vocabulário, porque **transcendente** aqui nomeia um além religioso, enquanto **transcendência** em Sartre nomeia o sujeito ultrapassando a própria situação. A prova usa as duas acepções.

Os quatro erros que decidem estas questões

Tratar transcendência como uma palavra só

Ela aparece duas vezes neste assunto com sentidos opostos. Em Nietzsche, o transcendente é o além religioso que ele recusa. Em Sartre, transcendência é o movimento pelo qual o sujeito ultrapassa a situação em que se encontra, e é sinal de liberdade. Quem decora um significado só erra uma das duas questões. Verifique sempre se o texto fala de religião ou de liberdade antes de decidir.

Confundir a voz do autor com a voz que ele cita

Na questão de Merleau-Ponty, o texto começa dizendo que a raiva seria um pensamento e portanto espírito, e atribui isso a Descartes. O aluno apressado lê essa frase como a posição do autor e marca a alternativa errada. Merleau-Ponty apresenta a tese cartesiana justamente para dizer que a própria experiência dele não a confirma.

Achar que Foucault nega a existência do sujeito

Ele nega que exista um sujeito universal, soberano e dado de antemão. Isso é diferente de dizer que não há ninguém ali. Na questão de 2019, a alternativa que fala em parâmetros substancialistas está esperando quem confundiu constituição histórica com inexistência.

Ler o peru como um raciocinador desleixado

A conclusão dele deu errado, então parece razoável marcar a alternativa que fala em bloquear refutações ou em buscar só confirmações. O texto blinda essa leitura ao dizer que o peru variou as circunstâncias e não tirou conclusões apressadas. A lição do exemplo é sobre o limite da indução bem feita, e não sobre teimosia.

Agora é com você**01 ENEM 2024**

Os grupos dominantes são beneficiados em termos de credibilidade e podem, com isso, controlar falas de membros de outros grupos, descredibilizando seus testemunhos com base em concepções compartilhadas de preconceito de identidade (gênero e raça). Algumas formas de preconceito tornam as declarações das pessoas menos importantes devido ao seu pertencimento a determinado grupo social. Assim, um falante recebe menos credibilidade devido ao preconceito do ouvinte.

KUHNEN, T. *Resenha de The Power and Ethics of Knowing*, de Miranda Fricker. *Revista Principios*, n. 33, 2013.

Com base na reflexão suscitada no texto, o preconceito de identidade é responsável por um tipo de injustiça

- (A) estética, que normatiza os padrões corporais.
- (B) sensorial, que privilegia as habilidades visuais.
- (C) afetiva, que impede as expressões emocionais.
- (D) epistêmica, que prejudica as trocas informacionais.
- (E) econômica, que perpetua as desigualdades materiais.

02 ENEM 2023

Eu poderia concluir que a raiva é um pensamento, que estar com raiva é pensar que alguém é detestável, e que esse pensamento, como todos os outros — assim como Descartes o mostrou —, não poderia residir em nenhum fragmento de matéria. A raiva seria, portanto, espírito. Porém, quando me volto para minha própria experiência da raiva, devo confessar que ela não estava fora do meu corpo, mas inexplicavelmente nele.

MERLEAU-PONTY, M. *Quinta conversa: o homem visto de fora*. São Paulo: Martins Fontes, 1948 (adaptado).

No que se refere ao problema do corpo, a filosofia cartesiana apresenta-se como contraponto ao entendimento expresso no texto por

- (A) apresentar uma visão dualista.
- (B) confirmar uma tese naturalista.
- (C) demonstrar uma premissa realista.
- (D) sustentar um argumento idealista.
- (E) defender uma posição intencionalista.

Gabarito comentado na página 57

Agora é com você

03 ENEM 2019

Penso que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade — a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, que podemos encontrar no meio cultural.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

O texto aponta que a subjetivação se efetiva numa dimensão

- (A) legal, pautada em preceitos jurídicos.
- (B) racional, baseada em pressupostos lógicos.
- (C) contingencial, processada em interações sociais.
- (D) transcendental, efetivada em princípios religiosos.
- (E) essencial, fundamentada em parâmetros substancialistas.

04 ENEM 2023

TEXTO I

Gerineldo dorme porque já está conformado com o seu mundo. Porque já sabe tudo o que lhe pode acontecer após haver submetido todos os objetos que o rodeiam a um minucioso inventário de possibilidades. Seu apartamento, mais que um apartamento, é uma teoria de sorte e de azar. Melhor que ninguém, Gerineldo conhece o coeficiente da dilatação de suas janelas e mantém marcado no termômetro, com uma linha vermelha, o ponto em que se quebrarão os vidros, despedaçados em estilhaços de morte. Sabe que os arquitetos e os engenheiros já previram tudo, menos o que nunca já aconteceu.

MÁRQUEZ, G. G. *O pessimista*. In: *Textos do Caribe*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

TEXTO II

A situação é o sujeito inteiro (ele não é nada a não ser a sua situação) e é também a coisa inteira (nunca há mais nada senão as coisas). É o sujeito a elucidar as coisas pela sua própria superação, se assim quisermos; ou são as coisas a reenviar ao sujeito a imagem dele. É a total facticidade, a contingência absoluta do mundo, do meu nascimento, do meu lugar, do meu passado, dos meus redores — e é a minha liberdade sem limites que faz com que haja para mim uma facticidade.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997 (adaptado).

A postura determinista adotada pelo personagem Gerineldo contrasta com a ideia existencialista contida no pensamento filosófico de Sartre porque

- (A) evidencia a manifestação do inconsciente.
- (B) nega a possibilidade de transcendência.
- (C) contraria o conhecimento difuso.
- (D) sustenta a fugacidade da vida.
- (E) refuta a evolução biológica.

Gabarito comentado na página 57

ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

Como uma pergunta feita na Grécia do século VI antes de Cristo continua organizando o que a prova cobra hoje.

13 das 57 questões de Filosofia do ENEM entre 2019 e 2025 caem neste recorte, o terceiro maior bloco da matéria. A distribuição é desigual por dentro. Onze delas são de filosofia grega, e apenas **duas** são medievais em sete anos de prova, o que faz da Idade Média o período menos cobrado de toda a matéria.

POR QUE CAI

Este é o assunto em que a prova mais cita o filósofo pelo nome, o que baixa muito o custo de acertar. Sócrates, Platão, Aristóteles e Heráclito aparecem nomeados no enunciado ou na fonte, e o trabalho passa a ser lembrar qual conceito pertence a cada um. Em compensação, os quatro são fáceis de embaralhar entre si, porque discutem os mesmos temas com respostas diferentes.

O QUE ESTUDAR PRIMEIRO

- ☐ Sócrates e o método de perguntar até o outro reconhecer que não sabe
- ☐ Platão e a ligação entre governar bem e ser virtuoso
- ☐ Aristóteles e a felicidade como atividade, e não como estado de espírito
- ☐ Os pré-socráticos, com Heráclito e a unidade dos opostos
- ☐ Agostinho e o problema do livre-arbítrio, único recorte medieval que a prova cobra

PAINEL DE PENSADORES-CHAVE

Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.)	pré-socrático · o mundo é feito de contrários que se pertencem
Sócrates (470-399 a.C.)	filosofia clássica · saber que não sabe é a condição para começar a saber
Platão (428-348 a.C.)	filosofia clássica · só governa bem quem é capaz de conhecer o bem comum
Aristóteles (384-322 a.C.)	filosofia clássica · a felicidade é uma atividade da alma conforme a virtude, e virtude se adquire por hábito
Os sofistas (século V a.C.)	mestres de retórica · ensinavam a vencer o debate, e foram o alvo preferido de Sócrates e Platão
Agostinho de Hipona (354-430)	patrística cristã · Deus deu a vontade livre para o bem, e por isso é justo punir quem a usa para o mal

NA PRÁTICA

dos seis filósofos acima, cinco são gregos. Quem domina Grécia resolve quase todo este assunto, e a única coisa medieval que a prova pediu em sete anos foi livre-arbítrio.

Antes de Sócrates, a primeira pergunta

A filosofia começa com uma troca de tipo de resposta. Por volta do século VI antes de Cristo, nas colônias gregas da Jônia, alguns pensadores passaram a explicar a natureza sem recorrer à vontade dos deuses. A pergunta deles era pela **arché**, o princípio de que tudo é feito e para o qual tudo volta. Tales apontou a água, Anaximandro apontou o indeterminado, Anaxímenes apontou o ar. A ruptura está no tipo de explicação aceitável, muito mais do que na resposta que cada um escolheu.

Esses pensadores ficaram conhecidos como **pré-socráticos**, nome que marca a posição deles antes do corte que Sócrates representa. Chegaram até nós em fragmentos citados por autores posteriores, e é por isso que a prova sempre os apresenta em trechos curtos e numerados.

Heráclito de Éfeso é o pré-socrático que mais cai, e caiu em 2025. A tese dele é que a realidade se organiza em pares de contrários que dependem um do outro. Dia e noite, guerra e paz, fome e saciedade não são coisas separadas que se alternam por acaso, são faces de uma mesma unidade em tensão. Daí a fórmula que resume o pensamento dele, tudo flui, e a imagem do rio em que ninguém entra duas vezes.

Heráclito e Parmênides são o par de opostos que a prova adora. Para Heráclito, o real é movimento e a permanência é aparência. Para Parmênides, de Eleia, o real é imutável e o movimento é que é ilusão dos sentidos. Se o enunciado falar em fluxo, mudança ou tensão entre contrários, pense em Heráclito. Se falar em ser imóvel, uno e eterno, pense em Parmênides.

Os sofistas mudam o assunto da filosofia. No século V antes de Cristo, com Atenas democrática, a habilidade decisiva passou a ser convencer a assembleia. Os sofistas eram professores itinerantes que ensinavam **retórica** mediante pagamento, e sustentavam que a verdade sobre as coisas é relativa a quem julga, posição resumida na frase de Protágoras segundo a qual o homem é a medida de todas as coisas.

Sofista não é sinônimo de trapaceiro, e essa fama vem de quem os combateu. Quase tudo que se sabe deles chegou pela pena de Platão, que era adversário declarado. A crítica clássica, que a prova cobra, é que eles ensinavam a vencer o debate independentemente da verdade, tratando o discurso como ornamento eficaz. Registre isso como a acusação de Sócrates e Platão contra eles, e não como descrição neutra.

GUARDE ISTO

os pré-socráticos perguntam de que o mundo é feito, e os sofistas deslocam a pergunta para o que convence os outros. É contra esse deslocamento que Sócrates vai reagir.

Sócrates, Platão e Aristóteles

Sócrates não escreveu nada, e isso é um problema de método. Tudo que se atribui a ele chegou por terceiros, principalmente pelos diálogos de Platão, onde aparece como personagem. Separar o Sócrates histórico do personagem platônico é debate aberto entre especialistas, então a prova costuma tratar os diálogos como a fonte, sem exigir essa distinção.

O método dele tem duas etapas, e caiu em 2021. A primeira é a **refutação**, em que Sócrates faz perguntas encadeadas até o interlocutor perceber que a definição que trazia não se sustenta. A segunda é a **maieutica**, palavra tirada do ofício da mãe dele, parteira, em que ajuda o outro a formular por conta própria uma definição melhor. O conjunto é o que a prova chama de **método dialético**, um saber que nasce do diálogo, e não da exposição de um mestre.

A regra socrática que organiza o diálogo "Mênon" é simples. Não dá para dizer como uma coisa é sem antes saber o que ela é. Por isso Sócrates recusa discutir se a virtude pode ser ensinada antes de definir o que é virtude.

Platão parte do problema que Sócrates deixou aberto. Se as coisas do mundo mudam o tempo todo, definições estáveis não podem vir delas. Ele sustenta então que existem **Formas** (ou Ideias), realidades inteligíveis e imutáveis das quais as coisas sensíveis são cópias imperfeitas. Conhecer é alcançar a Forma, e não catalogar exemplos.

Daí sai a tese política que caiu em 2025. Em "A República", Platão desenha uma cidade dividida por função, com produtores, guerreiros e governantes, cada grupo cumprindo o que sabe fazer. Quem deve governar é o filósofo, porque é quem tem acesso ao conhecimento do bem. A consequência é que exercer poder e agir eticamente deixam de ser coisas separáveis, e a cidade injusta é justamente a que entrega o governo a quem persegue interesse próprio.

Aristóteles foi aluno de Platão por vinte anos e discordou no ponto central. Para ele, não há um mundo de Formas separado. A essência de cada coisa está nela mesma, e se conhece estudando as coisas concretas. É a virada que faz dele também um pesquisador da natureza.

Na ética, isso muda tudo, e é o que a prova cobra. A **eudaimonia**, traduzida como felicidade ou florescimento, não é um estado de ânimo nem um prêmio. Ela é uma atividade da alma conforme a virtude, exercida ao longo de uma vida inteira. E **virtude moral** é disposição de caráter adquirida por hábito, o que significa que ninguém nasce justo, torna-se justo praticando atos justos. A virtude intelectual que orienta essa prática é a **prudência**, a capacidade de deliberar bem sobre o caso concreto.

GUARDE ISTO

Platão sobe do mundo sensível para as Formas, e Aristóteles fica nas coisas. Na ética, isso vira a diferença entre conhecer o bem e adquirir o hábito de agir bem.

Da pólis ao mosteiro, e o problema que a Idade Média herdou

O helenismo troca a cidade pela vida interior. Com a perda da autonomia política das cidades gregas, a partir das conquistas de Alexandre no século IV antes de Cristo, a filosofia deixa de girar em torno de como organizar a pólis e passa a perguntar como viver bem apesar do que não se controla. É desse deslocamento que nascem o **estoicismo**, para o qual a serenidade vem de aceitar o que não depende de nós, e o **epicurismo**, para o qual a felicidade está no prazer moderado e na ausência de perturbação.

A filosofia medieval nasce de um encontro forçado. Com a expansão do cristianismo, os pensadores cristãos precisaram decidir o que fazer com a herança grega. A resposta dominante foi absorvê-la e reinterpretá-la. Esse trabalho tem dois períodos, a **patrística**, dos primeiros séculos, que dialoga sobretudo com Platão, e a **escolástica**, do século XI em diante, que dialoga sobretudo com Aristóteles e tem em Tomás de Aquino o nome principal.

Agostinho de Hipona é a figura central da patrística e o único medieval que a prova cobrou. Nascido no norte da África em 354, converteu-se ao cristianismo já adulto e tornou-se bispo de Hipona. O problema que o ocupa e que caiu em 2019 é o do **livre-arbítrio**.

Agostinho viveu na Antiguidade tardia, e a filosofia dele abre o período medieval. Ele morreu em 430, décadas antes do marco convencional que fecha a Antiguidade. Tratá-lo como pensador medieval é convenção de história da filosofia, e não erro de data. A prova o apresenta como "o filósofo cristão", sem cobrar o recorte.

O argumento do livre-arbítrio responde a uma acusação. Se Deus é bom e criou tudo, de onde vem o mal. E se Ele deu ao ser humano a liberdade de errar, como pode puni-lo por errar. Agostinho responde que a vontade livre foi concedida para que a pessoa pudesse agir corretamente por decisão própria, já que agir bem por obrigação não teria valor moral algum. Usar essa liberdade para pecar é desviá-la do fim para o qual ela foi dada, e é isso que torna a punição justa.

Repare no que o argumento preserva. Ele mantém Deus fora da responsabilidade pelo mal e mantém o ser humano como agente moral de verdade. O preço é que a liberdade passa a carregar o peso inteiro da culpa.

GUARDE ISTO

a Idade Média cristã não abandona a filosofia grega, ela a coloca para trabalhar dentro da fé. Agostinho faz isso com Platão, e a escolástica fará o mesmo com Aristóteles séculos depois.

Cinco gregos e um cristão, sem misturar

01 Cada grego tem uma palavra que é só dele

Este é o assunto em que a prova mais nomeia o filósofo, então o jogo é ligar nome e conceito sem hesitar. Guarde os pares e a triagem fica quase automática. - **Heráclito** guarda **opostos** e **fluxo** - **Sócrates** guarda **perguntar** e **não saber** - **Platão** guarda **Formas** e **cidade justa** - **Aristóteles** guarda **hábito** e **eudaimonia** - **Sofistas** guardam **persuadir** e **retórica** - **Agostinho** guarda **vontade livre**

02 Felicidade em Aristóteles é o que se faz, e não o que se sente

A alternativa que descreve eudaimonia como bem-estar, prazer ou tranquilidade está errada por definição. Para Aristóteles a felicidade é atividade exercida ao longo da vida, e a virtude é hábito construído pela repetição. Se a alternativa fala em aperfeiçoar conduta ou formar caráter pela prática, ela está no caminho certo. Se fala em contemplar verdades ou conhecer essências, ela está descrevendo Platão.

03 Platão sobe, Aristóteles fica

A diferença entre os dois cabe num gesto. Platão aponta para cima, para um mundo de Formas onde estão as realidades verdadeiras. Aristóteles aponta para o lado, para as coisas concretas, onde a essência já se encontra. Toda divergência entre os dois, na política, na ética ou no conhecimento, deriva desse gesto inicial.

04 Método dialético é pergunta, não discurso

Se o texto mostra alguém encadeando perguntas até o interlocutor travar, é método socrático, e a alternativa certa vai falar em diálogo ou dialética. Cuidado com a alternativa que oferece "suspensão do juízo", porque isso é ceticismo, corrente diferente. Sócrates não suspende o juízo, ele persegue a definição.

Opostos é Heráclito. Perguntar é Sócrates. Formas é Platão. Hábito é Aristóteles. Persuadir é sofista. Vontade livre é Agostinho.

ENEM 2019

De fato, não é porque o homem pode usar a vontade livre para pecar que se deve supor que Deus a concedeu para isso. Há, portanto, uma razão pela qual Deus deu ao homem esta característica, pois sem ela não poderia viver e agir corretamente. Pode-se compreender, então, que ela foi concedida ao homem para esse fim, considerando-se que se um homem a usa para pecar, recairão sobre ele as punições divinas. Ora, isso seria injusto se a vontade livre tivesse sido dada ao homem não apenas para agir corretamente, mas também para pecar. Na verdade, por que deveria ser punido aquele que usasse sua vontade para o fim para o qual ela lhe foi dada?

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. In: MARCONDES, D. *Textos básicos de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Nesse texto, o filósofo cristão Agostinho de Hipona sustenta que a punição divina tem como fundamento o(a)

- (A) desvio da postura celibatária.
- (B) insuficiência da autonomia moral.
- (C) afastamento das ações de desapego.
- (D) distanciamento das práticas de sacrifício.
- (E) violação dos preceitos do Velho Testamento.

Como resolver

- 01 Reconstrua a cadeia do argumento.** Agostinho encadeia quatro passos. Deus concedeu a vontade livre. Ela foi concedida para que a pessoa possa agir corretamente. Quem a usa para pecar a desvia dessa finalidade. Por isso a punição é justa.
- 02 Ache a pergunta retórica do fim, que entrega a chave.** Ele pergunta por que alguém seria punido ao usar a vontade para o fim ao qual ela se destina. A pergunta só faz sentido se a punição recair sobre quem falhou em usá-la para o fim certo. Ou seja, o fundamento da punição está no mau exercício da própria capacidade moral.
- 03 Traduza isso para o vocabulário das alternativas.** A capacidade de governar a si mesmo moralmente é autonomia moral. Falhar em exercê-la para o bem é o que a alternativa B chama de insuficiência da autonomia moral.
- 04 Elimine as quatro pelo que o texto sequer menciona.** Celibato, desapego e sacrifício são práticas de disciplina religiosa, e nenhuma delas aparece no trecho. O Velho Testamento também não é citado, e o argumento de Agostinho é filosófico, apoiado em finalidade e justiça, sem invocar lista de preceitos.
- 05 Confirme pela negativa da primeira frase.** O texto abre dizendo que a possibilidade de pecar não é a razão pela qual Deus concedeu a vontade livre. Isso descarta qualquer leitura em que a punição venha do descumprimento de uma regra externa, porque o eixo do argumento é a finalidade interna da liberdade.

B

Resposta correta · A punição se justifica porque a pessoa deixou de exercer adequadamente a autonomia moral que recebeu para agir bem.

VALE SABER

este argumento responde ao **problema do mal**, uma das discussões mais antigas da filosofia da religião. Se Deus é bom e todo-poderoso, a existência do mal precisa de explicação. A resposta de Agostinho desloca a origem do mal da criação para o uso que a criatura faz da liberdade, o que preserva a bondade divina e mantém o ser humano responsável.

ENEM 2021

Sócrates: "Quem não sabe o que uma coisa é, como poderia saber de que tipo de coisa ela é? Ou te parece ser possível alguém que não conhece absolutamente quem é Mênon, esse alguém saber se ele é belo, se é rico e ainda se é nobre? Parece-te ser isso possível? Assim, Mênon, que coisa afirmas ser a virtude?".

PLATÃO. *Mênon*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001 (adaptado).

A atitude apresentada na interlocução do filósofo com Mênon é um exemplo da utilização do(a)

- (A) escrita epistolar.
- (B) método dialético.
- (C) linguagem trágica.
- (D) explicação fisicalista.
- (E) suspensão judicativa.

Como resolver

- 01 Repare na forma antes do conteúdo.** O trecho inteiro é feito de perguntas. Sócrates não afirma nada, não expõe doutrina, não conclui. Ele pergunta três vezes e devolve a pergunta original ao interlocutor.
- 02 Entenda o argumento que as perguntas constroem.** Ele usa um exemplo concreto, o próprio Mênon, para mostrar uma regra geral. Quem não sabe quem Mênon é não pode dizer se ele é belo ou rico. Portanto, quem não sabe o que a virtude é não pode discutir suas qualidades.
- 03 Nomeie o procedimento.** Construir conhecimento por perguntas encadeadas, em diálogo, levando o outro a reconhecer o próprio desconhecimento, é o método dialético socrático. A alternativa B nomeia exatamente isso.
- 04 Descarte as três que erram o gênero ou o tema.** A alternativa A fala em escrita epistolar, que é troca de cartas, e o texto é diálogo falado. A alternativa C fala em linguagem trágica, que pertence ao teatro. A alternativa D fala em explicação fisicalista, que reduziria a virtude a processos materiais, e nada no trecho vai nessa direção.
- 05 Cuidado com a alternativa E, que é a armadilha real.** Suspensão judicativa, ou epoché, significa deixar de emitir juízo, e é procedimento **cético**. Sócrates faz o contrário. Ele reconhece não saber para poder investigar, e a pergunta final do trecho ("que coisa afirmas ser a virtude?") mostra que a busca por uma definição continua de pé.

B

Resposta correta · As perguntas encadeadas que levam o interlocutor a rever o que julgava saber caracterizam o método dialético.

VALE SABER

o método tem duas fases. Na **refutação**, Sócrates desmonta a definição que o outro trouxe. Na **maiêutica**, palavra tirada do ofício de parteira da mãe dele, ajuda o interlocutor a dar à luz uma definição própria. O diálogo "Mênon" é célebre por levantar em seguida o **paradoxo da investigação**, a pergunta sobre como alguém pode procurar aquilo que não conhece, já que não saberia reconhecê-lo ao encontrar.

Os quatro erros que decidem estas questões

Trocar método socrático por ceticismo

As duas coisas envolvem admitir que não se sabe, e param aí a semelhança. O cético suspende o juízo e desiste de decidir. Sócrates admite a ignorância como ponto de partida e continua procurando a definição. Sempre que aparecer "suspensão do juízo" ou "epoché" numa questão sobre Sócrates, trate como distrator.

Ler eudaimonia como sensação de bem-estar

A tradução por "felicidade" atrapalha, porque em português a palavra sugere estado emocional. Em Aristóteles, eudaimonia é atividade da alma conforme a virtude, exercida ao longo de uma vida. Alternativa que fala em prazer, tranquilidade ou satisfação está descrevendo epicurismo ou senso comum, e não a ética aristotélica.

Confundir Heráclito com desordem

O pensamento dos opostos parece caos, e não é. Para Heráclito, os contrários compõem uma unidade regulada, e é justamente por isso que existe ordem no mundo. A alternativa que fala em desordem incontornável, como apareceu em 2025, está lá para quem leu "guerra e paz, fome e saciedade" e entendeu bagunça em vez de tensão organizada.

Tomar a crítica aos sofistas como descrição neutra

A imagem do sofista como vendedor de retórica vazia é a acusação que Platão fez, e chegou até nós porque os textos dele sobreviveram. A prova cobra essa crítica, então marcá-la é acertar. Só não a confunda com um retrato imparcial, porque quase nenhum texto sofista original chegou inteiro até hoje.

Agora é com você**01** ENEM 2025

TEXTO I

Em conjunto: todo e não todo, unido e separado, em consonância e em dissonância. De todos um e de um todos. (Fragmento B10)

TEXTO II

Deus é dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome. (Fragmento B67)

Pré-socráticos. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

A característica do pensamento do filósofo Heráclito, registrada nos fragmentos mencionados, é a ênfase na

- (A) qualidade imperecível do mundo.
- (B) degradação material da natureza.
- (C) imobilidade imanente do universo.
- (D) distribuição dicotômica do cosmos.
- (E) desordem incontornável das coisas.

02 ENEM 2023

Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação.

ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

A descrição crítica do personagem de Machado de Assis assemelha-se às características dos sofistas, contestados pelos filósofos gregos da Antiguidade, porque se mostra alinhada à

- (A) elaboração conceitual de entendimentos.
- (B) utilização persuasiva do discurso.
- (C) narração alegórica dos rapsodos.
- (D) investigação empírica da physis.
- (E) expressão pictográfica da pólis.

Gabarito comentado na página 57

Agora é com você

03 ENEM 2025

A cidade justa é governada pelos filósofos, administrada pelos cientistas, protegida pelos guerreiros e mantida pelos produtores. Cada classe cumprirá sua função para o bem da pólis, racionalmente dirigida pelos filósofos. Em contrapartida, a cidade injusta é aquela onde o governo está nas mãos dos proprietários — que não pensam no bem comum da pólis e lutarão por interesses econômicos particulares.

CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

O texto apresenta a estrutura de governo da cidade ideal pensada por Platão, que postula uma indissociabilidade entre

- (A) cognoscência e relação intersubjetiva.
- (B) mitologia e teorias cosmogônicas.
- (C) cidadania e primazia da retórica.
- (D) moralidade e virtudes cardeais.
- (E) ética e exercício do poder.

04 ENEM 2024

TEXTO I

Aristóteles entendia que a felicidade era diretamente ligada ao respeito pela própria natureza e, de certa maneira, a uma vida que tivesse na natureza de si mesma uma referência inabalável. Isso lhe permitiu formular o conceito de excelência. O que seria excelência? Seria, justamente, ao longo da vida, tirar de si mesmo, em forma de performance, de conduta, de comportamento, de disposição, o que a natureza permitiria de melhor.

COEN, M.; BARROS FILHO, C. *A monja e o professor: reflexões sobre ética, preceitos e valores*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

TEXTO II

A noção de *eudaimonia* é central para a ética aristotélica. A *eudaimonia* é uma atividade e não um estado psicológico, pois é definida na *Ética a Nicômaco* como uma atividade da alma com base na virtude moral. A virtude moral é definida em termos de uma disposição diretamente ligada à deliberação, o que o leva a estudar a virtude intelectual que opera em seu interior, isto é, a prudência. A estrutura conceitual da ética aristotélica responde a uma tentativa de elucidar conceitualmente em que consiste isto, agir bem, ou, na linguagem aristotélica, o que significa ser feliz.

ZINGANO, M. *Eudaimonia, razão e contemplação na ética aristotélica*. *Analytica*, n. 1, 2017.

Os textos indicam que a prática de ações virtuosas, sempre efetivada na pólis, ocorre por meio do(a)

- (A) teoria das formas essenciais.
- (B) identificação dos princípios racionais.
- (C) desenvolvimento das técnicas retóricas.
- (D) aperfeiçoamento das condutas humanas.
- (E) conhecimento das epistemes verdadeiras.

Gabarito comentado na página 57

RAZÃO, CIÊNCIA E CONHECIMENTO NA MODERNIDADE

Como a Europa dos séculos XVI e XVII decidiu que autoridade e tradição tinham parado de servir como prova.

9 das 57 questões de Filosofia do ENEM entre 2019 e 2025 caem neste recorte. Ele aparece em cinco das sete edições, e a concentração é notável em 2019, que sozinho trouxe **quatro** dessas nove.

POR QUE CAI

Este assunto quase nunca chega como pergunta de doutrina. Ele chega como cena, com uma maçã caindo, um homem escrevendo sobre si mesmo numa torre, Adão olhando água pela primeira vez. A prova usa a cena para cobrar uma posição sobre a origem do conhecimento, então o trabalho é identificar de onde cada autor diz que o saber vem, e não decorar títulos de obra.

O QUE ESTUDAR PRIMEIRO

- ☐ A diferença entre racionalismo e empirismo, que organiza o assunto inteiro
- ☐ Descartes, a dúvida metódica e a separação entre alma e corpo
- ☐ Hume e o argumento de que sem experiência nem a razão perfeita adivinha
- ☐ Bacon e a virada em que a natureza passa a ser interrogada por experimento
- ☐ Montaigne e o ensaio, que inaugura escrever filosofia em primeira pessoa

PAINEL DE PENSADORES-CHAVE

Michel de Montaigne (1533-1592)	ceticismo renascentista · escrever sobre si próprio vira método de investigação
Francis Bacon (1561-1626)	método experimental · a natureza entrega seus segredos quando é interrogada, e não quando é contemplada
René Descartes (1596-1650)	racionalismo · duvidar de tudo até encontrar o que resiste à dúvida
Isaac Newton (1642-1727)	revolução científica · observar não basta, é preciso propor uma hipótese que explique
David Hume (1711-1776)	empirismo · sem experiência, nenhuma razão chega a conclusão sobre o mundo

NA PRÁTICA

duas das seis questões deste assunto trazem um autor do século XX no crédito da fonte para cobrar uma ideia do século XVII. Ler o nome errado como dono da tese é o erro mais caro daqui.

Montaigne e Bacon, ou o fim do argumento de autoridade

A filosofia medieval resolvia disputa citando autoridade. Uma tese se sustentava se Aristóteles, a Bíblia ou um doutor da Igreja a tivessem afirmado, e o trabalho intelectual consistia largamente em comentar, conciliar e interpretar textos herdados. A modernidade começa quando essa moeda perde valor.

Michel de Montaigne dá o primeiro passo por um caminho inesperado. Nobre francês, ele se recolhe à biblioteca de sua torre em 1571 e passa a escrever textos curtos sobre qualquer assunto que o ocupe, da amizade aos canibais, da educação ao medo de morrer. Chamou esses textos de **essais**, palavra que em francês significa tentativa, e o nome pegou como gênero.

O que faz disso filosofia é o método embutido. Montaigne escreve sem esconder as hesitações, corrige-se dentro do próprio texto e volta atrás quando muda de ideia. O sujeito que investiga passa a fazer parte da investigação, e a pergunta que resume a atitude dele é "que sei eu?". Investigar a si mesmo vira uma forma legítima de investigar a condição humana.

Ensaio é gênero, e não apenas formato. Quando a prova pedir o nome do gênero criado por Montaigne, a resposta é ensaio, e a marca dele é a subjetividade assumida. Confissão relata conversão, carta se dirige a um destinatário, diálogo distribui a fala entre personagens. O ensaio expõe a concepção pessoal de quem escreve, com as dúvidas incluídas.

Francis Bacon ataca o mesmo problema pelo lado oposto. Se Montaigne desconfia da autoridade voltando-se para dentro, Bacon desconfia dela voltando-se para o laboratório. Em "Novum Organum", de 1620, ele propõe um instrumento novo de conhecimento, e o título é provocação direta ao Organon de Aristóteles, o conjunto de tratados de lógica que a escolástica usava como base.

O método que ele defende é indutivo e experimental. Em vez de deduzir consequências de princípios recebidos, o pesquisador deve colher observações em quantidade, organizá-las em tabelas e só então generalizar. E deve provocar a natureza em vez de esperar por ela, porque o fenômeno controlado revela o que o curso espontâneo esconde. É desse programa que sai a frase citada pelo ENEM em 2019, segundo a qual os segredos da natureza se revelam mais sob a tortura dos experimentos do que em seu curso natural.

A imagem da tortura tem consequência, e é isso que a prova cobrou. Ao tratar a natureza como algo que se interroga sob pressão, Bacon a coloca na posição de objeto disponível ao domínio humano. Essa postura, que rende poder técnico enorme, é a mesma que a crítica ambiental contemporânea aponta como raiz da relação predatória com o ambiente. A questão de 2019 pede exatamente esse efeito, chamado ali de objetificação.

GUARDE ISTO

Montaigne e Bacon derrubam a autoridade herdada por caminhos diferentes. Um substitui o argumento de autoridade pela experiência de si, o outro o substitui pelo experimento controlado.

Descartes, ou a razão como único terreno firme

René Descartes procura uma certeza que resista a tudo. No "Discurso do Método", de 1637, e nas "Meditações", de 1641, ele adota um procedimento radical. Vai rejeitar como falso tudo aquilo de que for possível duvidar, não porque acredite que seja falso, e sim para descobrir se sobra alguma coisa depois da eliminação. É a **dúvida metódica**, dúvida usada como ferramenta.

A eliminação avança em três golpes. Os sentidos enganam, então o que vem deles cai. Nada distingue com segurança a vigília do sonho, então a existência do mundo externo cai. E se houvesse um gênio enganador dedicado a produzir ilusões, até a matemática cairia.

O que resta é o próprio ato de duvidar. Se estou sendo enganado, existo enquanto sou enganado, porque enganar coisa nenhuma é impossível. Daí a formulação mais conhecida da filosofia moderna, penso, logo existo. A certeza primeira recai sobre o sujeito que pensa, antes de recair sobre qualquer coisa do mundo.

Dessa certeza sai o dualismo que a prova cobra. Descartes conclui que aquilo que ele é com segurança é uma coisa que pensa, a **res cogitans**, e que o corpo pertence a outra ordem, a das coisas que ocupam espaço, a **res extensa**. Pensamento e extensão viram substâncias distintas, e o ser humano passa a ser a junção problemática de duas naturezas que não se parecem.

O dualismo cartesiano é a tese mais reaproveitada da apostila inteira. Ele aparece como alvo de crítica no Assunto 02, com Merleau-Ponty argumentando que a raiva está no corpo, e aparece de novo neste assunto, numa questão de 2024. Quando o enunciado falar em separação entre alma e corpo, espírito e matéria, ou pensamento e extensão, o endereço é Descartes, mesmo que o nome dele não apareça.

A razão também reorganiza a relação com a fé, e isso caiu em 2019. Descartes não abandona Deus, ao contrário, precisa dele para reconstruir a confiança no mundo externo. O que muda é a via de acesso. A existência divina passa a ser objeto de demonstração racional, submetida ao mesmo tribunal que julga as demais afirmações. Aceitar por fé deixa de bastar como justificação filosófica.

A imagem que Descartes usa para o conhecimento é uma árvore. As raízes são a metafísica, o tronco é a física e os ramos são as demais ciências. A figura diz que todo saber é um só sistema, derivado de um fundamento comum, e é o oposto de uma coleção de disciplinas independentes.

GUARDE ISTO

Descartes funda o racionalismo ao colocar a razão, e não a tradição nem os sentidos, como tribunal do que pode ser afirmado. O preço dessa fundação é a separação entre a coisa que pensa e a coisa que ocupa espaço.

Hume e Newton, ou o conhecimento posto à prova da experiência

Racionalismo e empirismo respondem à mesma pergunta de formas opostas. A pergunta é de onde vem o conteúdo do conhecimento. Para o **racionalismo**, de Descartes, Espinosa e Leibniz, a razão possui princípios próprios, anteriores a qualquer experiência, e é neles que mora a certeza. Para o **empirismo**, de Locke, Berkeley e Hume, tudo o que a mente contém entrou por alguma experiência, e sem ela a razão não teria matéria nenhuma sobre a qual operar. Confundir os dois é o erro mais frequente deste assunto.

David Hume leva o empirismo ao limite. Filósofo escocês do século XVIII, ele sustenta que toda ideia deriva de uma impressão anterior, ou seja, de algo efetivamente sentido. Ideia sem impressão correspondente é palavra vazia, e essa régua serve para ele descartar boa parte da metafísica herdada.

O argumento de Adão, que caiu em 2020, mostra a tese em ação. Hume pede que se imagine o primeiro homem, com faculdades racionais perfeitas desde o início, diante da água. Nenhuma perfeição de raciocínio permitiria a ele deduzir, só olhando a transparência do líquido, que aquilo pode sufocá-lo. As qualidades que aparecem aos sentidos não anunciam causas nem efeitos. Só a experiência ensina o que se liga a quê.

Daí sai o problema mais famoso de Hume. Se a ligação entre causa e efeito não se vê, apenas se observa que um fenômeno costuma seguir o outro, então a expectativa de que o futuro se pareça com o passado é hábito, e não demonstração. Esse é o **problema da indução**, retomado no século XX por Bertrand Russell, que aparece no Assunto 02 desta apostila.

Isaac Newton mostra como o conhecimento avança na prática, e é o exercício resolvido 1. A lenda da maçã costuma ser contada como epifania, um homem descansando sob a árvore que de repente descobre a gravidade. O texto cobrado em 2019 desmonta essa versão ao narrar o que acontece de fato. Newton observa, descarta explicações triviais, e só então propõe uma explicação que ainda não estava visível, a de que existe uma força atuando.

Esse é o desenho do método hipotético-dedutivo. A observação levanta um problema, o pesquisador formula uma hipótese que o explicaria, deduz consequências verificáveis dessa hipótese e vai testá-las. A observação sozinha nunca produz teoria, porque é preciso alguém propor o que não está sendo visto.

GUARDE ISTO

o empirismo garante que sem experiência não há conteúdo, e o método científico acrescenta que a experiência sozinha também não basta. Entre observar e explicar existe um salto, e esse salto tem nome, hipótese.

De onde vem o saber, segundo cada um deles

01 Pergunte de onde o autor diz que o conhecimento vem

Todo texto deste assunto responde à mesma pergunta, e a resposta identifica o autor na hora. - **da razão, que já tem princípios próprios** conduz a Descartes e ao racionalismo - **da experiência, que precisa acontecer primeiro** conduz a Hume, Locke e ao empirismo - **do experimento provocado** conduz a Bacon - **da hipótese proposta a partir da observação** conduz ao método científico e a Newton - **da investigação de si** conduz a Montaigne

02 Racionalismo duvida dos sentidos, empirismo duvida da razão pura

Os dois desconfiam de algo, e saber de quê resolve a questão. Descartes começa descartando os sentidos porque eles enganam. Hume começa mostrando que a razão sozinha, por mais perfeita que seja, não adivinha nada sobre o mundo. Se o texto valoriza o que se sente e se experimenta, é empirismo. Se valoriza o que resiste à dúvida por necessidade lógica, é racionalismo.

03 O autor da fonte nem sempre é o dono da ideia

Este assunto é o campeão da armadilha. Em 2019 aparece um texto de James Rachels, autor contemporâneo, cobrando a razão moderna. Em 2024 aparece um texto de Michel Foucault, filósofo do século XX, cobrando o dualismo cartesiano. O comando pergunta pela **concepção** evocada, e não por quem assinou o trecho. Leia o comando antes de olhar o crédito.

04 Moderno em filosofia não quer dizer recente

A modernidade filosófica vai aproximadamente do século XVI ao XVIII, e termina antes de o século XIX começar. Descartes, Bacon e Hume são modernos. Foucault, Sartre e Arendt são contemporâneos. Quando a alternativa disser "ciência moderna" ou "construção da modernidade", ela está falando de Galileu, Bacon e Newton, e não de tecnologia atual.

Razão é Descartes. Experiência é Hume. Experimento é Bacon. Hipótese é Newton. O eu é Montaigne.

ENEM 2019

A lenda diz que, em um belo dia ensolarado, Newton estava relaxando sob uma macieira. Pássaros gorjeavam em suas orelhas. Havia uma brisa gentil. Ele cochilou por alguns minutos. De repente, uma maçã caiu sobre a sua cabeça e ele acordou com um susto. Olhou para cima. "Com certeza um pássaro ou um esquilo derrubou a maçã da árvore", supôs. Mas não havia pássaros ou esquilos na árvore por perto. Ele, então, pensou: "Apenas alguns minutos antes, a maçã estava pendurada na árvore. Nenhuma força externa fez ela cair. Deve haver alguma força subjacente que causa a queda das coisas para a terra".

SILVA, C. C.; MARTINS, R. A. *Estudos de história e filosofia das ciências*. São Paulo: Livraria da Física, 2006 (adaptado).

Em contraponto a uma interpretação idealizada, o texto aponta para a seguinte dimensão fundamental da ciência moderna:

- (A) Falsificação de teses.
- (B) Negação da observação.
- (C) Proposição de hipóteses.
- (D) Contemplação da natureza.
- (E) Universalização de conclusões.

Como resolver

- 01 Entenda o que o comando chama de interpretação idealizada.** É a versão da lenda, em que a descoberta chega pronta por acidente. O comando avisa que o texto trabalha **contra** essa versão, então a resposta está no que o texto acrescenta à história do golpe de sorte.
- 02 Siga o que Newton faz depois de acordar.** Ele olha para cima, levanta uma explicação provável, o pássaro ou o esquilo, e verifica que ela não se sustenta porque não há nenhum dos dois na árvore. Só então formula outra coisa.
- 03 Repare no verbo da última frase.** "Deve haver alguma força subjacente." Ele não viu força nenhuma, porque força não se vê. Ele propôs a existência de algo invisível capaz de explicar o que foi observado. Isso é uma hipótese, e é a alternativa C.
- 04 Elimine a alternativa mais atraente com o próprio comando.** A alternativa D, contemplação da natureza, casa perfeitamente com o cenário de sol, pássaros e brisa. Mas contemplar é exatamente a parte idealizada que o comando pediu para deixar de lado, então ela está descrevendo a lenda, e não o contraponto.
- 05 Descarte as três restantes pelo que o texto não faz.** A alternativa B, negação da observação, inverte o texto, já que tudo começa em observar. A alternativa A, falsificação de teses, nomeia o critério de Karl Popper, que consiste em tentar refutar uma teoria já formulada, e aqui ninguém testa a hipótese ainda. A alternativa E, universalização de conclusões, seria uma etapa posterior, e o trecho para no momento da formulação.

C

Resposta correta · O texto substitui a epifania da lenda pelo trabalho real de propor uma explicação que ainda não estava visível na observação.

VALE SABER

existe uma sutileza famosa aqui. Na segunda edição dos "Princípios Matemáticos", de 1713, Newton escreveu a frase *hypotheses non fingo*, que se traduz por não forjo hipóteses. Ele se referia a especular sobre a **causa última** da gravidade, coisa que recusava fazer. A questão do ENEM trata de outra etapa, a de propor uma explicação para o fenômeno observado, e nessa etapa Newton propõe. As duas coisas convivem sem contradição.

ENEM 2019

TEXTO I

Os segredos da natureza se revelam mais sob a tortura dos experimentos do que no seu curso natural.

BACON, F. *Novum Organum*, 1620. In: HADOT, P. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

TEXTO II

O ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma totalmente desarmoniosa sobre o ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papyrus, 1995.

Os textos indicam uma relação da sociedade diante da natureza caracterizada pela

- (A) objetificação do espaço físico.
- (B) retomada do modelo criacionista.
- (C) recuperação do legado ancestral.
- (D) infalibilidade do método científico.
- (E) formação da cosmovisão holística.

Como resolver

- 01 Traduza a metáfora do Texto I.** Torturar é o que se faz com alguém para extrair informação à força. Ao aplicar o verbo à natureza, Bacon a coloca no lugar de algo que se submete, se manipula e se interroga sob pressão. A natureza vira objeto nas mãos de quem experimenta.
- 02 Veja o que o Texto II faz com essa postura.** Ele descreve a consequência, um ser humano desintegrado do todo, que perde a percepção das relações de equilíbrio e age de forma desarmoniosa. Os dois textos apontam para a mesma relação, um mostrando a origem e o outro o resultado.
- 03 Nomeie a relação comum.** Tratar a natureza como coisa disponível ao uso é objetificar. A alternativa A diz exatamente isso.
- 04 Elimine a que inverte cada texto.** A alternativa E fala em cosmovisão holística, que significa perceber tudo como um todo integrado. O Texto II lamenta justamente a perda disso, então a alternativa descreve o oposto do que está escrito. Pelo mesmo motivo caem a alternativa C, que fala em recuperar legado ancestral, e a B, que fala em retomar criacionismo, temas ausentes dos dois trechos.
- 05 Cuidado com a alternativa D.** Infalibilidade do método científico soa próxima porque o Texto I elogia o experimento. Mas Bacon está afirmando que o experimento revela mais, e não que ele nunca erra. Nenhum dos dois textos discute acerto ou erro do método, e sim o tipo de relação que ele estabelece com a natureza.

A

Resposta correta · Os dois textos descrevem a natureza tratada como objeto à disposição da ação humana, com o Texto I na origem do problema e o Texto II no efeito.

VALE SABER

Bacon é também autor da teoria dos **ídolos**, os vícios de pensamento que atrapalham o conhecimento, entre eles os hábitos da própria mente, a educação particular de cada um, as ambiguidades da linguagem e a autoridade dos sistemas herdados. A lista compõe o mesmo programa de limpar o terreno antes de reconstruir o saber pela experiência.

Os quatro erros que decidem estas questões

Confundir quem assina o texto com quem defende a tese

É a armadilha característica deste assunto. Na questão de 2024, o trecho é de Michel Foucault, filósofo do século XX, e o comando pergunta qual concepção metafísica **clássica** o texto evoca. A resposta é o dualismo, que é de Descartes. Quem responde "pós-estruturalismo" porque reconheceu o nome de Foucault no crédito erra uma questão que sabia.

Marcar contemplação na questão da maçã

O cenário da lenda tem sol, pássaros e brisa, e a alternativa que fala em contemplar a natureza encaixa perfeitamente nele. O comando avisa que quer o **contraponto** à interpretação idealizada, ou seja, quer o que a lenda esconde. Sempre que o comando disser "em contraponto" ou "ao contrário do que se supõe", a resposta contraria a primeira leitura.

Trocar empirismo por racionalismo

Os dois são modernos, os dois discutem a origem do conhecimento e os nomes são parecidos o bastante para embaralhar sob pressão. Guarde pela negativa. O racionalista desconfia dos sentidos. O empirista desconfia da razão que opera sem experiência. Na questão de Hume, a alternativa que fala em potência inata da mente é a posição racionalista, oferecida como distrator.

Ler moderno como atual

Modernidade em filosofia nomeia um período que termina no século XVIII. Alternativa que fala em ciência moderna está falando de Bacon, Galileu e Newton. Quem lê a palavra como sinônimo de contemporâneo procura tecnologia recente no enunciado e não encontra.

Agora é com você**01** ENEM 2020

Montaigne deu o nome para um novo gênero literário; foi dos primeiros a instituir na literatura moderna um espaço privado, o espaço do "eu", do texto íntimo. Ele cria um novo processo de escrita filosófica, no qual hesitações, autocríticas, correções entram no próprio texto.

COELHO, M. *Montaigne*. São Paulo: Publifolha, 2001 (adaptado).

O novo gênero de escrita aludido no texto é o(a)

- (A) confissão, que relata experiências de transformação.
- (B) ensaio, que expõe concepções subjetivas de um tema.
- (C) carta, que comunica informações para um conhecido.
- (D) meditação, que propõe preparações para o conhecimento.
- (E) diálogo, que discute assuntos com diferentes interlocutores.

02 ENEM 2020

Aião, ainda que supuséssemos que suas faculdades racionais fossem inteiramente perfeitas desde o início, não poderia ter inferido da fluidez e transparência da água que ela o sufocaria, nem da luminosidade e calor do fogo que este poderia consumi-lo. Nenhum objeto jamais revela, pelas qualidades que aparecem aos sentidos, nem as causas que o produziram, nem os efeitos que dele provirão; e tampouco nossa razão é capaz de extrair, sem auxílio da experiência, qualquer conclusão referente à existência efetiva de coisas ou questões de fato.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Unesp, 2003.

Segundo o autor, qual é a origem do conhecimento humano?

- (A) A potência inata da mente.
- (B) A revelação da inspiração divina.
- (C) O estudo das tradições filosóficas.
- (D) A vivência dos fenômenos do mundo.
- (E) O desenvolvimento do raciocínio abstrato.

Gabarito comentado na página 57

Agora é com você**03****ENEM 2019****TEXTO I**

Considero apropriado deter-me algum tempo na contemplação deste Deus todo perfeito, ponderar totalmente à vontade seus maravilhosos atributos, considerar, admirar e adorar a incomparável beleza dessa imensa luz.

DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

TEXTO II

Qual será a forma mais razoável de entender como é o mundo? Existirá alguma boa razão para acreditar que o mundo foi criado por uma divindade todo-poderosa? Não podemos dizer que a crença em Deus é "apenas" uma questão de fé.

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

Os textos abordam um questionamento da construção da modernidade que defende um modelo

- (A) centrado na razão humana.
- (B) baseado na explicação mitológica.
- (C) fundamentado na ordenação imanentista.
- (D) focado na legitimação contratualista.
- (E) configurado na percepção etnocêntrica.

04**ENEM 2024**

A alma funciona no meu corpo de maneira maravilhosa. Nele se aloja, certamente, mas sabe bem dele escapar: escapa para ver as coisas através da janela dos meus olhos, escapa para sonhar quando durmo, para sobreviver quando morro. Minha alma durará muito tempo e mais que muito tempo, quando meu corpo vier a apodrecer. Viva minha alma! É meu corpo luminoso, purificado, virtuoso, ágil, móvel, tépido, viçoso; é meu corpo liso, castrado, arredondado como uma bolha de sabão.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Edições N-1, 2013.

Esse texto reforça uma concepção metafísica clássica que remete a um(a)

- (A) pressuposto lógico.
- (B) pensamento dicotômico.
- (C) contemplação da natureza.
- (D) raciocínio argumentativo.
- (E) crítica à individualidade.

Gabarito comentado na página 57

ÉTICA E POLÍTICA NA MODERNIDADE

O que passa a legitimar o poder e a decidir o que é certo, depois que Deus e a tradição deixam de servir como resposta.

7 das 57 questões de Filosofia do ENEM entre 2019 e 2025 caem neste recorte, o menor bloco da matéria. Ele aparece em cinco das sete edições, sempre com uma ou duas questões, sem nenhum ano de concentração.

POR QUE CAI

Este é o assunto mais previsível da matéria em matéria de estrutura. A prova costuma trazer um trecho que descreve como alguém decide o que fazer, e pede o critério por trás da decisão. Como quase todos os autores daqui discutem o mesmo problema com respostas diferentes, o trabalho é identificar qual régua o texto está usando, e a régua quase sempre é uma de duas, o dever ou a consequência.

O QUE ESTUDAR PRIMEIRO

- ☐ A diferença entre agir por dever e agir pelo resultado, que decide metade das questões
- ☐ Kant, o imperativo categórico e a lei moral que vem de dentro
- ☐ Bentham e o utilitarismo, com a felicidade medida como critério
- ☐ Maquiavel e a separação entre moral pessoal e cálculo de governante
- ☐ O contratualismo e a ideia de que o poder se legitima por acordo

PAINEL DE PENSADORES-CHAVE

Nicolau Maquiavel (1469-1527)	teoria política moderna · o governante responde pelo efeito da decisão, e não pela pureza da intenção
Thomas Hobbes (1588-1679)	contratualismo · sem poder comum, a vida vira guerra de todos contra todos
John Locke (1632-1704)	liberalismo político · o governo existe para proteger direitos, e perde legitimidade quando os viola
Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)	contratualismo · a soberania pertence ao povo reunido, e não a quem governa
Adam Smith (1723-1790)	filosofia moral escocesa · o comércio se apoia numa base moral de empatia e julgamento
Immanuel Kant (1724-1804)	ética deontológica · age bem quem age por dever, e a lei moral é dada pela própria razão
Jeremy Bentham (1748-1832)	utilitarismo · certa é a ação que produz mais felicidade e menos sofrimento

NA PRÁTICA

na questão de Bentham do ENEM 2025, uma das alternativas erradas descreve com precisão a posição de Kant. Saber separar os dois resolve a questão sozinho.

De onde vem o direito de mandar

Nicolau Maquiavel abre a política moderna ao separar duas perguntas. Diplomata florentino, ele escreve "O Príncipe" em 1513 e propõe olhar a política pela **verdade efetiva** da coisa, ou seja, por como o poder funciona de fato, em vez de por como ele deveria funcionar num governo ideal. É uma mudança de objeto antes de ser uma tese moral.

A consequência é a que caiu em 2019. Um particular que decide dizer a verdade arrisca apenas a si mesmo, e a decisão dele pertence à esfera da consciência. Um chefe de Estado decide por muita gente, e o custo do erro dele é coletivo. Por isso Maquiavel sustenta que os critérios morais que valem para a vida privada não bastam para a decisão de governo, que precisa pesar circunstâncias e fins.

Maquiavel não escreveu que os fins justificam os meios. A frase é condensação posterior e não aparece na obra dele. O que existe é a recomendação de julgar a ação do governante pelo resultado, no capítulo XVI-II de "O Príncipe". A diferença importa, porque ele distingue duas éticas em vez de abolir a moral, e a questão de 2019 cobra exatamente essa distinção, e não uma suposta defesa da imoralidade.

O contratualismo responde à mesma pergunta por outro caminho. Se o poder não vem mais de Deus nem do sangue, de onde vem. A resposta moderna é que vem de um acordo entre os governados, e a hipótese do estado de natureza serve para imaginar como seria a vida sem esse acordo.

- ☐ **Thomas Hobbes**, no "Leviatã", de 1651, descreve o estado de natureza como guerra de todos contra todos, em que a vida seria solitária, pobre e breve. O contrato transfere direitos a um soberano forte, e a segurança é o que se ganha em troca
- ☐ **John Locke**, nos "Dois Tratados sobre o Governo", de 1689, parte de um estado de natureza menos sombrio, em que já existem direitos à vida, à liberdade e à propriedade. O governo é criado para protegê-los, e quem os viola perde a legitimidade, o que abre espaço para o direito de resistência
- ☐ **Jean-Jacques Rousseau**, em "Do Contrato Social", de 1762, sustenta que a soberania permanece com o povo reunido, guiado pela vontade geral, e que ela não pode ser transferida a governante nenhum

O Estado de Direito é o herdeiro institucional dessa linhagem, e caiu em 2022. A ideia é que nenhum indivíduo esteja acima da lei, governante incluído, e que o poder público se exerça por regra conhecida em vez de por arbítrio. O jurista português José Joaquim Gomes Canotilho, autor do texto cobrado, é contemporâneo, mas o princípio que ele enuncia nasce dessa tradição moderna.

GUARDE ISTO

Maquiavel pergunta como o poder funciona, e o contratualismo pergunta o que o autoriza. As duas perguntas juntas formam o desenho da política moderna, que julga governo por resultado e por consentimento ao mesmo tempo.

Kant, o Iluminismo e a lei moral que vem de dentro

O Iluminismo tem uma definição assinada, e ela é de Kant. Em 1784, respondendo a uma pergunta de jornal, ele escreve que Esclarecimento é a saída do ser humano da menoridade pela qual ele mesmo é culpado, e resume o programa numa expressão latina, **sapere aude**, ouse saber. Menoridade ali significa depender do entendimento de outro para conduzir a própria vida, e a culpa está em permanecer assim por comodidade ou medo.

Essa ideia tem consequência política direta, e é o que a prova cobra em 2023. Se o ser humano é capaz de conduzir a si mesmo pela razão, então governo deixa de ser tutela concedida por direito divino e passa a responder pelo bem-estar de quem governa. Cobrar de um governo que tenha zelado pela saúde da população é aplicar essa premissa iluminista, mesmo quando o texto não cita filósofo algum.

Na moral, Kant procura um critério que não dependa do resultado. Se o certo fosse definido pelo que a ação produz, a moralidade ficaria refém da sorte, porque a mesma decisão poderia terminar bem ou mal por acaso. Ele então desloca o critério para a **intenção**, e afirma que só existe uma coisa boa sem restrição, a **boa vontade**, a disposição de agir por dever.

O imperativo categórico é a fórmula desse critério. Aja apenas segundo aquela máxima que você possa querer, ao mesmo tempo, que se torne lei universal. O teste é de coerência. Uma máxima que só funciona se os outros não a adotarem se desmonta ao ser universalizada, e por isso não pode valer como regra moral. Numa segunda formulação, Kant acrescenta que a humanidade, na própria pessoa e na de qualquer outro, deve ser tratada sempre também como fim, e nunca apenas como meio.

Categórico significa incondicional. Um imperativo hipotético diz o que fazer para obter alguma coisa, como estudar para passar. O categórico vale por si, sem cláusula de finalidade, e é isso que o torna moral em Kant.

Daí sai a autonomia, palavra central e muito cobrada. Autônomo é quem se dá a própria lei pela razão, e heterônomo é quem recebe a regra de fora, do costume, do medo da punição ou do desejo de recompensa. A lei moral kantiana é interior, e essa interioridade é a chave do exercício resolvido 1.

Kant separa o mundo em fenômeno e coisa em si. Conhecemos os objetos como aparecem à nossa sensibilidade, o **fenômeno**, e não como são independentemente de nós, o **númeno**. Guarde essa distinção, porque a questão de 2019 cobra a "fenomenalidade do mundo" na mesma alternativa em que cobra a interioridade da norma.

GUARDE ISTO

em Kant, o céu estrelado está fora e é fenômeno, enquanto a lei moral está dentro e é dada pela razão. Essa geografia, uma coisa fora e outra dentro, é o que a poeta inverte na questão de 2019.

O utilitarismo e a economia como problema moral

Deontologia e consequencialismo são as duas réguas que este assunto cobra. A **deontologia**, de Kant, julga a ação pela intenção e pela conformidade ao dever, e uma mentira continua errada mesmo quando produz bom resultado. O **consequencialismo**, de que o utilitarismo é a versão mais conhecida, julga a ação pelos efeitos que ela produz, e nenhuma ação é boa ou má antes de se saber o que ela causou. Identificar qual régua o texto usa resolve boa parte das questões daqui.

Jeremy Bentham formula a régua utilitarista de forma quase aritmética. Em "Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação", de 1789, ele sustenta que a natureza colocou o ser humano sob o governo do prazer e da dor, e que a ação correta é a que produz a maior felicidade para o maior número de pessoas. Felicidade, ali, significa desfrutar prazer e estar livre de dor.

Aplicado à punição, isso muda o sentido da pena, e é o que caiu em 2025. Punir deixa de ser retribuição merecida por um mal cometido e passa a ser instrumento. A pena se justifica porque previne dano futuro e protege a felicidade coletiva, e por isso a intensidade dela deve ser proporcional ao estrago que a ação tende a causar. Punição vira meio para um fim.

Bentham já apareceu no Assunto 01 desta apostila, por outro motivo. Lá ele entra como autor do projeto do panóptico, retomado por Foucault. Aqui entra como fundador do utilitarismo. É o mesmo autor em duas frentes, e a prova cobra as duas separadamente.

Adam Smith é lembrado pela economia e escreveu antes sobre moral. O escocês publica "A Teoria dos Sentimentos Morais" em 1759, dezessete anos antes de "A Riqueza das Nações". Na obra anterior, sustenta que o juízo moral nasce da **simpatia**, a capacidade de se colocar no lugar do outro, e do que ele chamou de espectador imparcial, uma perspectiva interna que avalia a própria conduta como se fosse de fora.

A questão de 2025 cobra justamente essa camada esquecida. O açougueiro e o padeiro do exemplo famoso buscam o próprio interesse, e Smith reconhece isso. O texto acrescenta que eles também são pessoas moralmente motivadas, capazes de distinguir o que querem fazer do que sentem que devem fazer. Interesse e senso de dever convivem na mesma pessoa.

Reduzir Smith ao egoísmo é leitura parcial. A frase sobre não esperar o jantar da benevolência do açougueiro descreve como o mercado coordena interesses, e não uma teoria completa da motivação humana. Quem lê apenas "A Riqueza das Nações" perde a base moral que o próprio autor considerava anterior.

GUARDE ISTO

pergunte sempre o que o texto está medindo. Se mede intenção, dever e universalidade, é Kant. Se mede prazer, dor e resultado coletivo, é Bentham. Se mede a capacidade de se colocar no lugar do outro, é Adam Smith.

Duas réguas resolvem quase tudo aqui

01 Descubra o que o texto está medindo

Todo texto deste assunto avalia alguma coisa, e o que ele escolhe medir entrega o autor. - **intenção, dever, regra universal, dignidade** medem em Kant - **prazer, dor, felicidade do maior número, resultado** medem em Bentham - **efeito da decisão sobre o coletivo, circunstância, fim** medem em Maquiavel - **empatia, julgamento de si, o que se sente que se deve** medem em Adam Smith - **acordo, consentimento, limite ao poder** medem no contratualismo e no Estado de Direito

02 Dever contra consequência, e a alternativa trocada

Kant e Bentham dão respostas opostas à mesma pergunta, e a prova usa um como distrator do outro. Se o texto justifica uma ação pelo que ela produz, a resposta é consequencialista, e alternativa que fale em dever, obrigação ou regra está lá para enganar. Se o texto justifica pela intenção ou pela regra que valeria para todos, inverte-se o raciocínio. Faça esse teste antes de qualquer outra coisa.

03 Maquiavel separa, e não abole

A leitura escolar transformou Maquiavel em conselheiro de vilão, e a prova cobra outra coisa. Ele distingue a moral que vale para o indivíduo da lógica que rege a decisão de governo, porque as consequências têm alcances diferentes. Alternativa que o descreva como defensor da imoralidade ou da ilegalidade costuma ser distrator. Procure a que fala em distinção entre duas esferas.

04 Sem filósofo nomeado, procure a assinatura do período

Duas questões deste assunto não citam pensador nenhum. Quando isso acontecer, identifique a ideia pela marca da época. Iluminismo aparece como razão contra tradição, crítica à superstição e governo responsável pelo bem-estar da população. Contratualismo aparece como consentimento e limite ao poder. A ausência de nome é pista de que o comando quer o período, e não o autor.

Dever é Kant. Felicidade é Bentham. Efeito é Maquiavel. Empatia é Smith. Acordo é contratualismo.

ENEM 2019

TEXTO I

Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre crescentes: o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, s/d (adaptado).

TEXTO II

Duas coisas admiro: a dura lei cobrindo-me e o estrelado céu dentro de mim.

FONTELA, O. *Kant (relido)*. In: *Poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015.

A releitura realizada pela poeta inverte as seguintes ideias centrais do pensamento kantiano:

- (A) Possibilidade da liberdade e obrigação da ação.
- (B) Aprioridade do juízo e importância da natureza.
- (C) Necessidade da boa vontade e crítica da metafísica.
- (D) Prescindibilidade do empírico e autoridade da razão.
- (E) Interioridade da norma e fenomenalidade do mundo.

Como resolver

- 01 Marque a posição de cada coisa nos dois textos.** Em Kant, o céu está **sobre mim** e a lei moral está **em mim**. Na poeta, a lei está **cobrindo-me** e o céu está **dentro de mim**. As duas trocaram de lugar, e o comando já avisa que a chave é a inversão.
- 02 Diga o que cada posição significa em Kant.** A lei moral é interior porque a razão prática a dá a si mesma, e é isso que Kant chama de autonomia. O céu estrelado é o mundo como ele aparece à sensibilidade, ou seja, o fenômeno, que está fora do sujeito.
- 03 Nomeie as duas ideias invertidas.** A primeira é a interioridade da norma, e a segunda é a fenomenalidade do mundo. A alternativa E traz as duas juntas e na ordem.
- 04 Confirme lendo o efeito do poema.** Ao pôr a lei cobrindo de fora, a poeta transforma em imposição externa aquilo que em Kant é autolegislação, e o adjetivo "dura" reforça isso. E ao pôr o céu dentro, ela interioriza o que era mundo fenomênico. As duas teses kantianas caem juntas.
- 05 Elimine pelas ideias que o poema não toca.** A alternativa A fala em liberdade e obrigação, que o poema não move de lugar. A B fala em juízo a priori e natureza, a C fala em boa vontade e crítica da metafísica, e a D fala em dispensar o empírico. Nenhum desses pares descreve a troca de posição que os dois textos encenam.

E

Resposta correta · A poeta inverte a topografia kantiana, tirando a norma de dentro e trazendo o mundo fenomênico para dentro.

VALE SABER

a frase do Texto I fecha a "Crítica da Razão Prática" e está gravada no túmulo de Kant, em Kaliningrado. Ela resume o projeto dele em duas metades, a investigação sobre o que se pode conhecer do mundo e a investigação sobre o que se deve fazer.

ENEM 2019

Para Maquiavel, quando um homem decide dizer a verdade pondo em risco a própria integridade física, tal resolução diz respeito apenas a sua pessoa. Mas se esse mesmo homem é um chefe de Estado, os critérios pessoais não são mais adequados para decidir sobre ações cujas consequências se tornam tão amplas, já que o prejuízo não será apenas individual, mas coletivo. Nesse caso, conforme as circunstâncias e os fins a serem atingidos, pode-se decidir que o melhor para o bem comum seja mentir.

ARANHA, M. L. *Maquiavel: a lógica da força*. São Paulo: Moderna, 2006 (adaptado).

O texto aponta uma inovação na teoria política na época moderna expressa na distinção entre

- (A) idealidade e efetividade da moral.
- (B) nulidade e preservabilidade da liberdade.
- (C) ilegalidade e legitimidade do governante.
- (D) verificabilidade e possibilidade da verdade.
- (E) objetividade e subjetividade do conhecimento.

Como resolver

- 01 Encontre as duas situações que o texto compara.** Um homem comum que arrisca a própria pele ao dizer a verdade, e o mesmo homem na posição de chefe de Estado. A mesma pessoa, dois papéis, dois critérios de decisão.
- 02 Identifique o que muda de um caso para o outro.** No primeiro, a consequência recai só sobre quem decidiu. No segundo, ela recai sobre a coletividade. O texto diz que por isso os critérios pessoais deixam de bastar.
- 03 Perceba que a distinção é moral, e não jurídica.** O trecho fala de dizer a verdade e de mentir, que são categorias morais. Nada ali trata de lei, crime ou legalidade, o que já enfraquece a alternativa C.
- 04 Traduza a oposição para o vocabulário da prova.** De um lado está a moral tomada como princípio que vale por si, a idealidade. Do outro está a moral avaliada pelo efeito que produz no mundo, a efetividade. A alternativa A nomeia exatamente esse par.
- 05 Descarte as três restantes pelo tema.** A alternativa B fala de liberdade, a D de critérios de verdade e a E de conhecimento objetivo e subjetivo. O texto não discute nenhum desses assuntos, ele discute qual moral se aplica a quem decide por muitos.

A

Resposta correta · A inovação está em separar a moral que vale para a consciência individual daquela que se mede pelos efeitos coletivos da decisão de governo.

VALE SABER

essa separação costuma ser resumida na frase segundo a qual os fins justificam os meios, que **não está em Maquiavel**. Ela é condensação posterior. O que ele escreve, no capítulo XVIII de "O Príncipe", é que se deve olhar para o resultado, e o argumento dele distingue duas esferas de julgamento em vez de dispensar a moral.

Os quatro erros que decidem estas questões

Marcar a resposta kantiana numa questão utilitarista

Na questão de Bentham de 2025, uma das alternativas fala em impor regras para estabelecer um dever. Isso descreve Kant com precisão, e está ali porque as duas éticas são vizinhas no programa e opostas no critério. Bentham trata a punição como meio para um fim, e a resposta tem que falar em meio e fim. Antes de marcar, pergunte se o texto mede intenção ou resultado.

Transformar Maquiavel em defensor da imoralidade

A fama do adjetivo maquiavélico atrapalha. O texto de 2019 não defende mentir, ele descreve duas esferas de responsabilidade com alcances diferentes. Alternativa que acuse ilegalidade ou amoralidade está lendo a reputação do autor, e não o trecho impresso.

Reduzir Adam Smith ao interesse próprio

O senso comum diz que Smith explicou tudo pelo egoísmo, e a questão de 2025 cobra o contrário. O enunciado apresenta o açougueiro e o padeiro como pessoas moralmente motivadas, com distinção entre o que querem e o que devem. Quem responde pela fama do autor marca satisfação subjetiva e perde a questão que o próprio texto entregava.

Procurar filósofo onde não há

Duas questões deste assunto não citam pensador nenhum, e uma delas é um documento de 1828 sobre vacinação. O aluno procura um nome, não acha, e conclui que não sabe a matéria. O comando pede a ideia de origem iluminista, e ela está na cobrança de que o governo responda pela saúde da população. Sem nome, procure a marca do período.

Agora é com você**01** ENEM 2025

Adam Smith via o açougueiro e o padeiro não só como indivíduos buscando seus interesses financeiros, mas como pessoas moralmente motivadas dentro de uma sociedade. A base da moral era a empatia e o julgamento, instaurando uma distinção entre o que queremos fazer e o que sentimos que devemos fazer.

COLLIER, P. O futuro do capitalismo. Porto Alegre: LP&M, 2019.

O texto defende uma motivação capitalista para o campo dos negócios, na qual o lucro se mostra associado à

- (A) consolidação do poder político.
- (B) procura de satisfação subjetiva.
- (C) estruturação do monopólio comercial.
- (D) percepção de responsabilidade ética.
- (E) conquista do reconhecimento público.

02 ENEM 2025

A missão dos governantes consiste em promover a felicidade da sociedade, punindo e recompensando. A parte da missão de governo que consiste em punir constitui mais particularmente o objeto da lei penal. A obrigatoriedade ou necessidade de punir uma ação é proporcional à medida que tal ação tende a perturbar a felicidade e à medida que a tendência do referido ato é pernicioso. A felicidade consiste naquilo que já vimos, ou seja, em desfrutar prazeres e em estar isento de dores.

BENTHAM, J. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (adaptado).

Qual perspectiva de justiça emerge da relação, estabelecida no texto, entre punição e felicidade?

- (A) Aplicação de meios para atingir um fim.
- (B) Imposição de regras para estabelecer um dever.
- (C) Sobreposição de princípios para fundamentar um direito.
- (D) Criação de parâmetros para reconhecer uma prescrição.
- (E) Elaboração de convenções para referendar um costume.

Gabarito comentado na página 57

Agora é com você

03

ENEM 2022

O princípio básico do Estado de direito é o da eliminação do arbítrio no exercício dos poderes públicos, com a consequente garantia de direitos dos indivíduos perante esses poderes. Estado de direito significa que nenhum indivíduo, presidente ou cidadão comum está acima da lei. Os governos democráticos exercem a autoridade por meio da lei e estão eles próprios sujeitos aos constrangimentos impostos pela lei.

CANOTILHO, J. J. G. *Estado de direito*. Lisboa: Gradiva, 1999 (adaptado).

Nas sociedades contemporâneas, consiste em violação do princípio básico enunciado no texto:

- (A) Supressão de eleições de representantes políticos.
- (B) Intervenção em áreas de vulnerabilidade pela Igreja.
- (C) Disseminação de projetos sociais em universidades.
- (D) Ampliação dos processos de concentração de renda.
- (E) Regulamentação das relações de trabalho pelo Legislativo.

04

ENEM 2023

Havia já muito tempo que a Europa desfrutava os benefícios da vacina e arrancava à morte milhares de inocentes, condenados a serem vítimas do terrível flagelo das bexigas, e o governo de Portugal nunca se lembrara de transmitir ao Brasil a mais útil das descobertas humanas, quando aliás nenhum país mais do que ele carecia deste salutar invento ou se atendesse às vantagens da população ou ao perdimento de imensas somas na mortandade contínua de escravos, que este flagelo devorava. O certo é que mais ocupado de seu ouro que de seus habitantes, Portugal, como em outros muitos casos, esperou que o Brasil por seu próprio impulso remediasse a este mal.

PEREIRA, J. C. 12 jan. 1828 apud LOPES, M. B.; POLITO, R. *Para uma história da vacina no Brasil: um manuscrito inédito de Norberto e Macedo*. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, n. 2, abr.-jun. 2007 (adaptado).

Escrito em 1828, o texto expressa a seguinte ideia de origem iluminista:

- (A) As leis observáveis regem o mundo material.
- (B) O monarca racional promove a sociedade justa.
- (C) O direito natural justifica a liberdade dos homens.
- (D) A produção da terra garante a riqueza das nações.
- (E) A responsabilidade dos governantes assegura a saúde dos povos.

Gabarito comentado na página 57

CORRENTES E FILÓSOFOS, EM ORDEM

Ordem cronológica, com a etiqueta dizendo se o pensamento é clássico (Antiguidade e Idade Média) ou moderno (Moderna e Contemporânea), e o número do assunto onde ele foi explicado. Todo filósofo citado em qualquer uma das 30 questões desta apostila está aqui, inclusive Foucault, que aparece três vezes, com três obras diferentes.

c. 500 a.C.	CLASSICA	Heráclito de Éfeso, a unidade dos opostos · assunto 03
século V a.C.	CLASSICA	sofistas, ensino de retórica em Atenas · assunto 03
c. 385 a.C.	CLASSICA	Platão escreve o diálogo "Mênon", método dialético de Sócrates · assunto 03
século IV a.C.	CLASSICA	Platão, "A República", a cidade justa · assunto 03
século IV a.C.	CLASSICA	Aristóteles, "Ética a Nicômaco", eudaimonia · assunto 03
c. 395	CLASSICA	Agostinho de Hipona, "O Livre-Arbítrio" · assunto 03
1513	MODERNA	Maquiavel, "O Príncipe" · assunto 05
1580	MODERNA	Montaigne publica os "Ensaaios" · assunto 04
1620	MODERNA	Bacon, "Novum Organum" · assunto 04
1641	MODERNA	Descartes, "Meditações" · assunto 04
1687	MODERNA	Newton, "Princípios Matemáticos" · assunto 04
1748	MODERNA	Hume, "Investigação sobre o Entendimento Humano" · assunto 04
1759	MODERNA	Adam Smith, "Teoria dos Sentimentos Morais" · assunto 05
1788	MODERNA	Kant, "Crítica da Razão Prática" · assunto 05
1789	MODERNA	Bentham, "Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação" · assunto 05

1828	MODERNA	carta sobre vacinação no Brasil, ideia iluminista de responsabilidade do governante · assunto 05
1888	MODERNA	Nietzsche formula o "amor fati" · assunto 02
1912	MODERNA	Russell, "Os Problemas da Filosofia", o problema da indução · assunto 02
1943	MODERNA	Sartre, "O Ser e o Nada" · assunto 02
1948	MODERNA	Merleau-Ponty, "Quinta conversa", crítica ao dualismo cartesiano · assunto 02
1951	MODERNA	Arendt, "Origens do Totalitarismo" · assunto 01
1964	MODERNA	Marcuse, "O Homem Unidimensional" · assunto 01
1966	MODERNA	Foucault, "O corpo utópico", evoca o dualismo cartesiano · assunto 04
1971	MODERNA	Rawls, "Uma Teoria da Justiça", contratualismo contemporâneo · assunto 01
1975	MODERNA	Foucault, "Vigiar e Punir", poder disciplinar · assunto 01
1990	MODERNA	Bobbio, "A Era dos Direitos" · assunto 01
1994	MODERNA	Foucault, "Ditos e Escritos", subjetivação · assunto 02
1999	MODERNA	Canotilho, "Estado de Direito" · assunto 05
2004	MODERNA	Derrida, "Papel-máquina", hospitalidade e alteridade · assunto 01
2007	MODERNA	Fricker, "Injustiça Epistêmica" · assunto 02

CONFIRA O QUE VOCÊ RESPONDEU

O comentário abaixo não é resolução completa. Ele traz o suficiente para você entender onde errou. Se um item continuar confuso depois de lido, volte à página de teoria daquele assunto.

Assunto 01 · Ética, poder e política contemporâneas

- C** Bobbio trata os direitos humanos como **construção histórica pactuada** ("carecimentos e interesses, classes no poder"), não como natureza fixa.
- D** Marcuse chama de **realidade unidimensional** a sociedade que absorve a crítica ao satisfazer necessidades materiais, eliminando a segunda dimensão do pensamento.
- E** Rawls retoma o **contratualismo**: sociedade como cooperação justa aceita por todos, mesmo sendo autor do século XX.
- A** Foucault descreve a passagem do modelo de exclusão (lepra) para o de vigilância individualizante (peste), a assinatura da **sociedade disciplinar**.

Assunto 02 · Fenomenologia e existencialismo

- D** O preconceito de identidade reduz a credibilidade do falante, prejudicando a troca de informação: **injustiça epistêmica** (Fricker).
- A** Merleau-Ponty recusa o dualismo ao encontrar a raiva no corpo, e não fora dele: contraponto à **visão dualista** cartesiana.
- C** Para Foucault, o sujeito se constitui por práticas situadas em regras e estilos culturais: **dimensão contingencial**, não essencial nem universal.
- B** Gerineldo prevê tudo e dorme conformado, negando a **transcendência** sartriana, a capacidade de ultrapassar a própria situação.

Assunto 03 · Antiguidade e Idade Média

- D** Os fragmentos de Heráclito listam pares de opostos (dia/noite, guerra/paz) que compõem o cosmos: **distribuição dicotômica**, não desordem.
- B** "Casca" e "ornamentação" sem conteúdo real descrevem a crítica clássica aos sofistas, o domínio da **retórica persuasiva** esvaziada de verdade.
- E** Em Platão, a cidade justa funde poder e virtude nos filósofos-governantes: indissociabilidade entre **ética e exercício do poder**.
- D** Para Aristóteles, a virtude é disposição de caráter cultivada pela prática: **aperfeiçoamento das condutas humanas**, não conhecimento puro de formas.

Assunto 04 · Razão e conhecimento na modernidade

- B** Montaigne "deu o nome para um novo gênero literário": o **ensaio**, marcado por subjetividade e hesitação.
- D** Hume argumenta que nem a razão perfeita, sem "auxílio da experiência", chega a conclusões sobre o mundo: conhecimento vem da **vivência dos fenômenos**.
- A** Descartes e Rachels usam a razão para examinar a crença em Deus, em vez de aceitá-la só por fé: modelo **centrado na razão humana**.
- B** O texto de Foucault evoca a separação entre alma e corpo, a estrutura do **pensamento dicotômico** cartesiano.

Assunto 05 · Ética e política na modernidade

- D** Smith mostra o açougueiro e o padeiro como moralmente motivados, com distinção entre desejo e dever: **percepção de responsabilidade ética**, não só interesse.
- A** Para Bentham, a punição é instrumento para maximizar a felicidade coletiva: **meio para atingir um fim**, lógica consequencialista.
- A** Suprimir eleições ataca a base da legitimidade democrática e abre caminho ao arbítrio: viola o **Estado de Direito** de Canotilho.
- E** A crítica ao governo "mais ocupado de seu ouro que de seus habitantes" só faz sentido sob a premissa iluminista de **responsabilidade do governante pela saúde do povo**.

E AGORA, O QUE FAZER COM ISTO

- 01 Refaça o que você errou, alguns dias depois.** Sem olhar a resolução antes. Espalhar as revisões ao longo do tempo fixa mais do que repetir tudo de uma vez.
- 02 Volte à Dica do Prof do assunto que mais travou.** Aquelas páginas foram feitas para leitura rápida, e cabem numa revisão de dez minutos.
- 03 Use a linha do tempo como cola na semana da prova.** Ela junta os filósofos em ordem, com o assunto de onde cada um saiu.
- 04 Misture assuntos no mesmo dia.** A prova não separa as questões por capítulo, e o seu treino também não deveria.

CONTINUE ESTUDANDO COM A GENTE

Na plataforma Descomplica você encontra a trilha completa de Filosofia, com videoaula, exercício comentado e correção de simulado.